

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS CLÓVIS MOURA – CCM
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ITALO PEQUENO SANTOS

**A ARTE DE PROMETER: REPRESENTAÇÕES DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL
BRASILEIRA DE 1989 NO CINEMA E NA IMPRENSA**

TERESINA - PI

2025

ITALO PEQUENO SANTOS

**A ARTE DE PROMETER: REPRESENTAÇÕES DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL
BRASILEIRA DE 1989 NO CINEMA E NA IMPRENSA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito à obtenção do
título de Licenciatura em História pela
Universidade Estadual do Piauí - Campus
Clóvis Moura.

Orientadora: Dr^a. Rosângela Assunção

TERESINA - PI

2025

E237a Santos, Italo Pequeno.

A arte de prometer: representações da eleição presidencial brasileira de 1989 no cinema e na imprensa / Italo Pequeno Santos. - 2025.
89 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Licenciatura em História, Campus Clóvis Moura, Teresina-PI, 2025.
"Orientadora: Prof.^a Dra. Rosângela Assunção".

1. Eleição Presidencial. 2. Documentário. 3. Cinema. 4. Mídia.
5. Memória Histórica. I. Assunção, Rosângela. II. Título.

CDD 981

ITALO PEQUEÑO SANTOS

**A ARTE DE PROMETER: REPRESENTAÇÕES DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL
BRASILEIRA DE 1989 NO CINEMA E NA IMPRENSA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
História, da Universidade Estadual do Piauí
(UESPI) – Campus Clóvis Moura, como
requisito para a obtenção do grau de
Licenciatura em História.

Aprovado em: ____ de ____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr^a Rosângela Assunção
Orientadora (Universidade Estadual do Piauí)

Prof.^o Dr. Pedro Pio Fontineles Filho
Membro Titular Interno (Universidade Estadual do Piauí)

Prof.^o Dr. Damião de Cosme de Carvalho Rocha
Membro Titular Interno (Universidade Estadual do Piauí)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual do Piauí (UESPI) por me proporcionar a oportunidade de cursar a Licenciatura em História. Nessa instituição, participei de projetos enriquecedores, como o PIBEU, PIBID e a Monitoria, que contribuíram significativamente para minha formação.

Expresso minha gratidão a todo o corpo docente do curso de Licenciatura em História do Campus Clóvis Moura, pela dedicação, pelo compromisso com o ensino e por inspirarem o amor pela História em cada aula. Agradeço à minha orientadora, professora Dra. Rosângela Assunção, por sua paciência, orientação e pelo apoio durante este processo. Sua generosidade e dedicação foram fundamentais para que este trabalho fosse possível.

Aos funcionários da UESPI - Campus Clóvis Moura, em especial à equipe de limpeza e da biblioteca, meu sincero agradecimento. Com seu trabalho diário, vocês garantem que a universidade seja um espaço acolhedor, organizado e propício ao aprendizado para todos nós.

À minha mãe, Maria do Socorro Pequeno, dedico o mais profundo agradecimento. Sua força, amor incondicional e apoio nos momentos mais desafiadores é o que me mantém de pé. Obrigado por acreditar em mim até quando eu mesmo duvido. Não há palavras que expressem a minha gratidão por todo o seu cuidado.

Por fim, agradeço aos meus colegas de turma, Amélia, Amanda, Marília, Valéria, Teo e Franciel, por tornarem essa jornada acadêmica mais leve e significativa. A companhia, as trocas de ideias e a gentileza de cada um de vocês fizeram toda a diferença ao longo desse caminho.

A todos vocês, minha eterna gratidão.

RESUMO

Este estudo analisa as representações da eleição presidencial de 1989 no Brasil, com foco nos documentários comemorativos dos 30 anos que foram produzidos pelos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, no ano de 2019. O objetivo é compreender como essas produções moldam a memória coletiva e influenciam a percepção histórica, investigando as narrativas apresentadas, suas intenções editoriais e os contextos político e midiático em que foram realizadas. A metodologia combina análise historiográfica e elementos audiovisuais, como enquadramentos e narrativas, fundamentando-se em referenciais teóricos sobre o cinema documentário, como o *Dicionário Teórico e Crítico de Cinema* de Aumont e Marie, com obras que estudam a eleição pesquisada, como o livro *1989 – A Maior Eleição da História* de Rodrigo de Aguiar Gomes. Os resultados mostram perspectivas contrastantes nos documentários. Enquanto a *Folha de S. Paulo* destaca a eleição como um marco na redemocratização, e enfatiza o seu significado histórico, o jornal *O Globo* adota uma abordagem crítica e moralista, sublinhando a polarização e deslegitimando o processo político. Ambos revelam o papel da imprensa não apenas como meio de registro histórico, mas também como agente político que molda narrativas e percepções públicas. O estudo também reflete sobre os desafios da democracia brasileira naquele período, marcado por desigualdades sociais, concentração midiática e disputas ideológicas, ressaltando o papel central da mídia na construção da memória histórica e sua influência nos processos políticos.

Palavras-chave: Cinema; documentário; mídia; eleição.

ABSTRACT

This study analyzes the representations of the 1989 Brazilian presidential election, focusing on the 30th-anniversary commemorative documentaries produced by the newspapers O Globo and Folha de S. Paulo in 2019. The objective is to understand how these productions shape collective memory and influence historical perception, investigating the narratives presented, their editorial intentions, and the political and media contexts in which they were created. The methodology combines historiographical analysis with audiovisual elements—such as framing and narrative structures—grounded in theoretical frameworks on documentary cinema, including Aumont and Marie's *Theoretical and Critical Dictionary of Cinema*, alongside works that specifically study the election in question, for example Rodrigo de Aguiar Gomes's book *1989 – A Maior Eleição da História* (1989: The Greatest Election in History).

The results reveal contrasting perspectives between the two documentaries. Folha de S. Paulo highlights the election as a milestone in Brazil's re-democratization process and emphasizes its historical significance, whereas O Globo adopts a critical and moralistic stance, underscoring polarization and delegitimizing the political process. Both productions illustrate the role of the press not only as a recorder of history but also as a political agent that shapes narratives and public perceptions. The study further reflects on the challenges faced by Brazilian democracy at that time—marked by social inequalities, media concentration, and ideological disputes—underscoring the central role of the media in constructing historical memory and influencing political processes.

Keywords: Cinema; documentary; media; election.

LISTA DE SIGLAS

AI-1	Ato Institucional nº 1
AI-5	Ato Institucional nº 5
CCM	Campus Clóvis Moura
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CUT	Central Única dos Trabalhadores
FMI	Fundo Monetário Internacional
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PDCdoB	Partido da Democracia Cristã do Brasil
PCN	Partido Comunitário Nacional
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PDS	Partido Democrático Social
PIBEU	Programa Institucional de Bolsa de Extensão Universitária
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PL	Partido Liberal
PLP	Partido da Libertação Popular
PMB	Partido da Mobilização Brasileira
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMN	Partido da Mobilização Nacional
PN	Partido Nacionalista
PPS	Partido Popular Socialista (não citado diretamente, mas possível associação)
PP	Partido do Povo
PPB	Partido Progressista Brasileiro
PPS	Partido Popular Socialista (potencial sigla confundida com PP ou PPB)
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
PRONA	Partido de Reedificação da Ordem Nacional
PSC	Partido Social Cristão
PSD	Partido Social Democrático
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSP	Partido Social Progressista
PST	Partido Social Trabalhista
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PV	Partido Verde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TSE	Tribunal Superior Eleitoral

UDR	União Democrática Ruralista
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UnB	Universidade de Brasília

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tempo no Horário Eleitoral Gratuito dos Candidatos na Eleição Presidencial de 1989

Quadro 2 – Resultado do primeiro turno das eleições presidenciais de 1989

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A ELEIÇÃO DE 1989 COMO OBJETO DE ESTUDO DA HISTÓRIA	14
2.1 Contexto Internacional da Eleição Presidencial Brasileira de 1989	14
2.2 Debate Decisivo, Candidaturas e Desfecho do Primeiro Turno	17
2.3 Candidatos Nônicos	27
2.4 Horário Eleitoral	31
2.5 Segundo Turno, Campanha e Estratégias Midiáticas	34
2.6 Debate Televisivo Final: A Influência da Globo	37
2.7 Resultado e Vitória de Collor	38
3 O CINEMA-DOCUMENTÁRIO E A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1989 NO BRASIL	40
3.1 O Filme como Fonte Histórica	40
3.2 Intencionalidades das Produções	42
3.3 Abordagem do Jornal O Globo	43
3.4 Abordagem do Jornal O Globo	44
3.5 Análise Crítica do Documentário da Folha de S. Paulo.....	46
3.6 Análise Crítica do Documentário do Jornal O Globo.....	72
3.7 O Documentário como construtor de memórias.....	85
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89

1 – INTRODUÇÃO

A eleição presidencial de 1989 representou um marco na história política do Brasil, sendo a primeira eleição direta para presidente após 29 anos de regime militar. Esse evento, além de simbolizar a consolidação da redemocratização, revelou as tensões ideológicas, políticas e sociais características de um país em transição. Nesse contexto, os veículos de mídia desempenharam um papel central, não apenas como veículo de informação, mas também como agente ativo na construção de narrativas e memórias históricas sobre o processo eleitoral.

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações da eleição presidencial de 1989 a partir de dois documentários jornalísticos: *22 Candidatos, Baixarias e Polarização*, produzido pelo jornal *O Globo*, e *Finalmente Diretas + 30*, da *Folha de S. Paulo*. A pesquisa busca compreender como essas produções midiáticas moldam as percepções históricas sobre esse momento político crucial, destacando os interesses editoriais, sociais e políticos subjacentes às narrativas apresentadas. O problema que orienta este estudo é: Como os documentários analisados representam a eleição presidencial de 1989 e quais narrativas históricas são construídas a partir dessas produções midiáticas?

A eleição de 1989 é compreendida aqui como um ponto de inflexão na história política brasileira. Por um lado, representou um avanço democrático significativo, ao devolver ao povo o direito ao voto direto para presidente. Por outro, foi marcada por intensas disputas ideológicas e estratégias de comunicação que evidenciaram a crescente influência midiática nos processos eleitorais. Os documentários analisados oferecem uma oportunidade privilegiada de observar como eventos históricos são reconstruídos e apresentados ao público, destacando os elementos simbólicos e editoriais que moldaram essas narrativas.

A aplicação de uma metodologia é crucial para interpretar os documentários como fontes históricas e culturais. Como Mombelli e Tomaim destacam, o documentário precisa de um caminho para pesquisa. Segundo eles, “Esse percurso exige do pesquisador conhecimento dos elementos da linguagem audiovisual bem como das formas de representar o real para, a partir das partes, estudar e compreender o que os documentários trazem no seu todo” (Mombelli e Tomaim, 2014, p. 5). Esse processo garante que as interpretações sobre os documentários sejam

críticas e contextualizadas, evitando leituras superficiais ou desvinculadas do interesse dos realizados.

A análise segue a abordagem metodológica proposta por Mombelli e Tomaim (2014), que enfatiza a decomposição e reconstituição dos elementos audiovisuais. De acordo com Vanoye e Goliot-Lété (2002 apud Mombelli, Tomaim, 2014, p.3), é necessário "despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente 'a olho nu'. Assim, os documentários foram analisados através da desconstrução do filme pelos seus aspectos internos – como planos, enquadramentos, narrativa e som – e externos, incluindo seus contextos históricos, políticos e sociais conforme proposto por Mombelli e Tomaim (2014). Essa abordagem busca revelar como cada obra utiliza a linguagem audiovisual para construir narrativas sobre a eleição de 1989, evidenciando tanto as escolhas estéticas quanto as implicações ideológicas implícitas.

A estrutura deste trabalho está organizada em dois capítulos principais. O primeiro capítulo contextualiza a eleição presidencial de 1989, abordando o cenário político, econômico e social do período. Discute-se o impacto da Guerra Fria, as reformas neoliberais emergentes no Brasil e a atuação de dois veículos de mídia, o jornal *O Globo* e a *Folha de São Paulo*, na construção das narrativas eleitorais. O capítulo é fundamentado em autores como René Rémond, em sua obra *Por uma História Política*, e em referencial teórico sobre o processo eleitoral de 1989, em específico, os livros *1989 – A Maior Eleição da História* de autoria de Rodrigo de Aguiar Gomes e *1989: História da primeira eleição presidencial pós-ditadura* de autoria de Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme.

O segundo capítulo analisa como a eleição foi representada nos documentários *22 Candidatos*, *Baixarias e Polarização* e *Finalmente Diretas + 30*. A pesquisa investiga os elementos audiovisuais, as escolhas narrativas e as estratégias editoriais utilizadas para construir memórias e interpretações históricas. Autores como, Mombelli e Tomaim são utilizados como base teórica para compreender o papel dos documentários na construção da memória histórica. A análise metodológica inclui a observação de planos, enquadramentos, narrações e estratégias de montagem, explorando como esses elementos reforçam as intenções editoriais dos jornais.

Este trabalho adota uma abordagem interdisciplinar, combinando análise historiográfica crítica e estudo de fontes audiovisuais. Referências teóricas como *Por uma História Política* de René Rémond e *1989 – A Maior Eleição da História* de

Rodrigo de Aguiar Gomes sustentam a análise das interseções entre história, mídia e representação.

Em suma, esta pesquisa busca contribuir para os estudos de história e audiovisual, refletindo sobre o papel das representações midiáticas na construção de narrativas e memórias coletivas. A eleição presidencial de 1989 é aqui interpretada não apenas como um evento político, mas como um objeto de disputa simbólica cujas interpretações permanecem relevantes no imaginário social e político do Brasil.

2 - A ELEIÇÃO DE 1989 COMO OBJETO DE ESTUDO DA HISTÓRIA

A relevância de se pesquisar a eleição presidencial de 1989 no Brasil está diretamente relacionada ao seu caráter histórico como o primeiro pleito direto após a ditadura civil militar¹, bem como às suas implicações para o entendimento da opinião pública, da dinâmica política e das transformações institucionais. Como observa René Rémond (2006, p. 40), “uma eleição é também um indicador do espírito público, um revelador da opinião pública e de seus movimentos”. Esse aspecto faz com que as eleições tenham um lugar privilegiado na análise histórica, pois oferecem elementos únicos para compreender os movimentos sociais e políticos de uma época.

Outro ponto relevante é a forma como o fenômeno eleitoral reflete a interação entre estratégias políticas e a opinião pública. As campanhas eleitorais, além de expor programas e preocupações dos eleitores, são um espaço de interação estratégica entre políticos e movimentos de opinião. No caso da eleição de 1989, isso é evidente na utilização da mídia como ferramenta central para moldar narrativas e influenciar a percepção do eleitorado.

Por fim, as eleições de 1989 são relevantes para compreender o papel dos partidos políticos como organismos que se consolidam ao longo do tempo, respondendo a tendências profundas da opinião pública. Esse entendimento é essencial para avaliar como os principais atores daquele pleito se posicionaram em relação à democracia e aos interesses da população brasileira.

2.1 - Contexto Internacional da Eleição Presidencial Brasileira de 1989

A eleição presidencial de 1989 no Brasil representou um marco no processo de redemocratização do país, em um contexto internacional profundamente impactado pelo desfecho da Guerra Fria². Esse período foi caracterizado pela consolidação da hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, culminando no colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e na emergência de novas

¹ Daniel Aarão Reis denomina o regime de 1964–1979 “ditadura civil-militar” para evidenciar que não se tratou apenas de um autoritarismo imposto pelas Forças Armadas, mas sim de uma aliança entre militares e amplos setores civis — incluindo governadores, empresários, imprensa e Igreja — que apoiaram, financiaram e legitimaram o golpe e a manutenção do poder (Aarão Reis Filho, 2012).

² A Guerra Fria foi um período de rivalidade geopolítica e ideológica entre os Estados Unidos e a União Soviética, iniciado após a Segunda Guerra Mundial e encerrado no início da década de 1990, caracterizado pela ausência de confronto direto entre as potências, mas com disputas estratégicas e armamentistas em diversas regiões do globo.

formas de organização política e econômica, como o neoliberalismo³. O cenário refletia não apenas mudanças globais, mas também a influência dessas transformações na configuração democrática e econômica do Brasil.

Embora, no contexto interno, a eleição de 1989 tenha representado um marco no fortalecimento da transição democrática e o encerramento do regime militar, é imprescindível analisar seus desdobramentos no âmbito internacional. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos sustentaram ditaduras no cone sul⁴ e, com o colapso da União Soviética, consolidaram sua hegemonia global. Essa supremacia intensificou a capacidade de influência norte-americana sobre a América Latina, incluindo o Brasil, direcionando projetos democráticos para assegurar a conformidade a modelos econômicos de orientação neoliberal. Conforme destaca Gennari (2001, p. 32), o ideário neoliberal alcançou sua maior sistematização no encontro realizado em novembro de 1989, em Washington, evento amplamente reconhecido como Consenso de Washington⁵.

Esse processo estava diretamente relacionado às diretrizes do Consenso de Washington, que estruturou instituições como o FMI (Fundo monetário Internacional) e o Banco Mundial. Inicialmente concebidas para estabilizar a economia global, essas instituições passaram, no período pós-Guerra Fria, a funcionar como instrumentos de promoção de políticas neoliberais. Paulo Nogueira Batista, no livro: *O Consenso de Washington: uma visão neoliberal dos problemas latino-americanos*, considera:

O colapso do comunismo na Europa central e a desintegração da União Soviética, somados à adesão do socialismo espanhol e francês ao discurso neoliberal, facilitaria a disseminação das propostas do Consenso de Washington e a campanha de desmoralização do modelo de desenvolvimento, inspirado pela Cepal, que se havia montado na América Latina sobre a base de capitais privados nacionais e estrangeiros e de uma participação ativa do Estado, como regulador e até empresário (Batista, 1994, p.7).

³ Neoliberalismo: doutrina desenvolvida a partir da década de 1970, que defende a absoluta liberdade de mercado e uma restrição à intervenção estatal sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e ainda assim num grau mínimo.

⁴ De acordo com Rafaela Mano Elisário, diversos países do Cone Sul, como Chile, Paraguai, Argentina, Uruguai, Bolívia e Brasil, passaram por golpes que derrubaram governos democraticamente eleitos, substituídos por ditaduras militares. Esses regimes foram marcados por práticas de terrorismo de Estado e graves violações dos Direitos Humanos (ELISÁRIO, 2019, p. 88).

⁵ A avaliação objeto do Consenso de Washington abrangeu 10 áreas: 1. disciplina fiscal; 2. priorização dos gastos públicos; 3. reforma tributária; 4. liberalização financeira; 5. regime cambial; 6. liberalização comercial; 7. investimento direto estrangeiro; 8. privatização; 9. desregulação; e 10. propriedade intelectual. De acordo com Batista 1994 p.18

No Brasil, o retorno do sufrágio presidencial, após duas décadas da ditadura civil-militar, ocorreu em meio a desafios políticos, sociais e econômicos. A população, ansiosa por mudanças, enfrentava uma grave crise inflacionária que comprometia as condições de vida.

De acordo com Eduardo Costa Pinto (2019, p. 3), a Nova República (1985–1989) marcou a passagem de um regime militar-empresarial para um governo civil, fruto de acordos entre as elites políticas e econômicas brasileiras. Esse período coincidiu com uma intensa crise inflacionária. Os planos Cruzado, Bresser e Verão, propostos pelo governo Sarney, falharam em controlar os preços, que subiram 1.783 % em 1989, que reduziu drasticamente o poder de compra da população.

A eleição de 1989 refletiu não apenas o desejo por liberdade e maior participação popular após a ditadura, mas também os conflitos entre diferentes projetos de modernização e desenvolvimento para o Brasil. Nesse contexto, o neoliberalismo emergiu como um projeto hegemônico, apoiado pela supremacia norte-americana. Sua consolidação foi favorecida pelo apoio de setores políticos e econômicos alinhados às potências ocidentais, pelo papel da mídia na legitimação de valores neoliberais e pela fragilidade das alternativas políticas que buscavam romper com essa hegemonia. Segundo Batista:

Fica-se, de tudo isso, com a impressão amarga de que a América Latina possa haver se convertido, com a anuência das suas elites, em um laboratório onde a burocracia internacional baseada em Washington - integrada por economistas descompromissados com a realidade política, econômica e social da região - busca pôr em prática, em nome de uma pretensa modernidade, teorias e doutrinas temerárias para as quais não há eco nos próprios países desenvolvidos onde alegadamente procura inspiração (Batista, 1994, p.26).

Esse contexto refletia não apenas uma transição política interna, mas também um cenário global em que escolhas políticas e econômicas estavam condicionadas pela reconfiguração da ordem mundial. Tais dinâmicas manifestaram-se em alianças estratégicas, na influência da mídia e nas restrições impostas a projetos divergentes do modelo econômico dominante. Dessa forma, os eventos do processo eleitoral de 1989 expõem desafios de uma democracia emergente em um contexto global de profundas assimetrias de poder. Esse período, marcado pela imposição de estruturas neoliberais, mostra tanto desafios quanto possibilidades de consolidação democrática em um cenário mundial em transformação.

2.2 - Debate Decisivo, Candidaturas e Desfecho do Primeiro Turno da Eleição de 1989

O primeiro debate presidencial da eleição de 1989, transmitido pela TV Bandeirantes, foi um marco histórico, simbolizando o retorno das eleições diretas após mais de duas décadas de regime militar. Segundo o Jornal Band/Uol (2022), participaram do debate os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Leonel Brizola (PDT), Paulo Maluf (PDS), Roberto Freire (PCB), Affonso Camargo (PTB), Aureliano Chaves (PFL), Ronaldo Caiado (PSD), Mário Covas (PSDB) e Guilherme Afif Domingos (PL)⁶. Contudo, os critérios utilizados para a escolha dos participantes não foram esclarecidos, tanto na transmissão do debate quanto na matéria publicada pelo jornal.

O debate teve início com a mediadora Marília Gabriela contextualizando o público sobre os participantes e a importância do evento. Ela anunciou que este era o primeiro debate presidencial transmitido pela televisão brasileira, realizado pela Rede Bandeirantes, e ressaltou que, em 15 de novembro, os brasileiros voltariam às urnas para eleger o presidente da República pela primeira vez desde 1960. Marília apresentou o debate como um marco da campanha presidencial, voltado a esclarecer as propostas e os programas de governo dos candidatos. Entre os 11 presidenciáveis convidados, nove compareceram, enquanto Ulisses Guimarães (PMDB) e Fernando Collor de Mello (PRN)⁷ recusaram o convite. Ela também destacou que a maioria dos participantes já possuía experiência eleitoral e reconhecimento como candidatos de destaque (Debate na Band, 1989).

⁶ Luiz Inácio Lula da Silva ocupou o cargo de presidente da República; Leonel Brizola foi governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro; Paulo Maluf exerceu os cargos de prefeito da cidade de São Paulo e governador do estado; Roberto Freire foi deputado federal e ministro da Cultura; Afonso Camargo atuou como ministro dos Transportes; Aureliano Chaves foi vice-presidente da República durante o governo Figueiredo; Ronaldo Caiado é governador de Goiás e já foi senador; Mário Covas foi governador de São Paulo e senador; Guilherme Afif Domingos foi vice-governador de São Paulo e ministro da Micro e Pequena Empresa.

⁷ Fernando Collor de Mello foi presidente da República entre 1990 e 1992, tendo exercido anteriormente o cargo de governador de Alagoas; Ulysses Guimarães presidiu a Câmara dos Deputados e foi responsável por conduzir os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição Federal de 1988.

Em seguida os candidatos foram apresentados ao público a através de um foco de câmera em plano fechado⁸, onde é apresentado na legenda o nome e a sigla de cada um dos candidatos, enquanto a voz de fundo, do jornalista Ferreira Martins, narra um pouco da biografia dos candidatos que estavam presentes. Como:

Mário Covas



Figura 1 – Imagem de apresentação do candidato Mário Covas, durante o debate da Band em 1989. Fonte: (BAND, 1989).

Mário Covas, formado em Engenharia Civil, iniciou sua trajetória política ao se candidatar ao cargo de prefeito de Santos. Posteriormente, tornou-se deputado federal e esteve entre os fundadores do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), sendo cassado pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5)⁹ em 1969. Retornou à vida política dez anos depois, reassumindo o cargo de deputado federal. Covas também exerceu a função de prefeito nomeado da cidade de São Paulo e, desde 1986, ocupa o cargo de senador da República. Em 1988, rompeu com seu partido e fundou o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), pelo qual se tornou candidato à presidência da República. À época, contava com 59 anos de idade (Debate na Band, 1989).

⁸ DICIONÁRIO DE AUDIOVISUAL. Plano fechado: proporciona maior visibilidade a um personagem ou objeto. Neste caso, a câmera fica próxima e o ângulo de visão é menor.

⁹ O Ato Institucional nº 5 (AI-5), decretado em 13 de dezembro de 1968, ampliou de forma drástica os poderes do Executivo, permitindo o fechamento do Congresso Nacional, a intervenção direta em estados e municípios, a suspensão de direitos políticos, a cassação de mandatos e o estabelecimento de censura prévia à imprensa, ao teatro, à música e a outras formas de expressão, marcando o período mais repressivo da ditadura civil-militar brasileira.

Brizola



Figura 2 – Imagem de apresentação do candidato Brizola, durante o debate da Band em 1989. Fonte: (BAND, 1989).

Leonel Brizola, engenheiro por formação, possui uma trajetória política marcante. Atuou como deputado estadual, deputado federal e prefeito de Porto Alegre, além de ter governado dois estados brasileiros: Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Brizola também enfrentou o exílio por 15 anos durante o período da ditadura militar. Com 67 anos à época, ele se apresentou como candidato à presidência pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) (Debate na Band, 1989).

Sobre a candidatura de Brizola pelo PDT, Rodrigo de Aguiar Gomes descreve um momento marcante envolvendo o político, que, durante uma situação de forte emoção, após perder a sigla (PTB) do Partido Trabalhista Brasileiro para Ivete Vargas, desenhou a sigla uma folha de papel, rasgou-a em seguida e cobriu o rosto com a mão, chorando. Segundo Gomes (2014, p. 27), na crônica “Eu vi” veiculada pelo Jornal do Brasil em 15 de maio de 1980, Carlos Drummond de Andrade¹⁰ enfatizou a carga simbólica e o forte apelo emocional do gesto de Brizola.

A crônica apresenta os seguintes versos:

Vi um homem chorar porque lhe negaram o direito de usar três letras do alfabeto para fins políticos.

Vi uma mulher beber champanha porque lhe deram esse direito negado ao outro.

¹⁰ Carlos Drummond de Andrade foi poeta, cronista e servidor público; trabalhou como chefe de gabinete no Ministério da Educação e Saúde e foi colaborador regular da imprensa nacional, especialmente em jornais de grande circulação como o Jornal do Brasil.

Vi um homem rasgar o papel em que estavam escritas as três letras, que ele tanto amava. Como já vi amantes rasgarem retratos de suas amadas, na impossibilidade de rasgarem as próprias amadas.

E vi danças festejando a derrota do adversário, e cantos e fogos.

Vi o sentido ambíguo de toda festa. Há sempre uma antifesta ao lado, que não se faz sentir, e dói para dentro. (Guilherme, 1980 apud Gomes, 2014).

Paulo Maluf



Figura 3 – Imagem de apresentação do candidato Maluf, durante o debate da Band em 1989.
Fonte: (BAND, 1989).

Paulo Maluf, natural da cidade de São Paulo e engenheiro civil, iniciou sua carreira política como presidente da Caixa Econômica Federal em São Paulo. Posteriormente, foi prefeito nomeado da capital paulista, governador indireto do estado de São Paulo e deputado federal. Maluf também foi candidato à presidência na eleição indireta de 1985. Em 1986, disputou o governo estadual e, no ano seguinte, concorreu à prefeitura de São Paulo. Com 57 anos à época, apresentou-se como candidato à presidência da República pelo Partido Democrático Social (PDS) (Debate na Band, 1989).

Afonso Camargo



Figura 4 – Imagem de apresentação do candidato Afonso Camargo, durante o debate da Band em 1989. Fonte: (BAND, 1989).

Afonso Camargo, natural de Curitiba, Paraná, é engenheiro civil por formação e possui uma longa trajetória política de 30 anos. Entre seus principais cargos, destacam-se o de vice-governador do Paraná, secretário do Interior e Justiça e senador, atualmente em seu segundo mandato. Camargo foi coordenador da campanha de Tancredo Neves à presidência e também ocupou o cargo de ministro dos Transportes. Após deixar o PMDB, filiou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que o lançou como candidato à presidência da República. À época, contava com 60 anos de idade (Debate na Band, 1989).

Ulysses Guimarães

Natural de Itirapina, São Paulo, destacou-se como uma figura emblemática da política brasileira em dois momentos cruciais. Primeiro, entre 1973 e 1974, quando assumiu uma posição de resistência ao regime militar, lançando-se como candidato simbólico à presidência da República durante a ditadura, mesmo sabendo que não teria chances reais de vitória. Esse gesto representou um ato de coragem e de enfrentamento ao autoritarismo. Mais tarde, em 1987 e 1988, ele voltou a exercer um papel fundamental ao liderar a Assembleia Nacional Constituinte, comandando o processo de elaboração da Constituição de 1988, conhecida como "Constituição Cidadã", que marcou o início de um novo período democrático no Brasil (Gomes, 2014). Como o candidato não compareceu ao debate não há fotos dele no evento.

Aureliano Chaves



Figura 5 – Imagem de apresentação do candidato Aureliano Chaves, durante o debate da Band em 1989. Fonte: (BAND, 1989).

Aureliano Chaves iniciou sua vida pública como deputado estadual em Minas Gerais. Posteriormente, tornou-se deputado federal e foi governador nomeado do estado. Durante o governo de João Figueiredo, ocupou o cargo de vice-presidente da República, além de ter sido ministro de Minas e Energia no governo Sarney. Foi escolhido como candidato à presidência pelo Partido da Frente Liberal (PFL) após vencer uma prévia com 130 mil votos de eleitores de seu partido. Com 60 anos de idade à época, Chaves representou o PFL na disputa presidencial de 1989 (Debate na Band, 1989).

As campanhas presidenciais de Ulysses Guimarães, pelo PMDB, e de Aureliano Chaves, pelo PFL, enfrentaram dificuldades. Rodrigo Gomes Aguiar interpreta esse cenário como reflexo do desgaste político desses partidos, que, apesar de terem liderado a transição democrática com a aliança Tancredo-Sarney, foram associados pela população ao fracasso do governo Sarney, obscurecendo seu papel na abertura política e na transição do regime militar para a democracia (Gomes, 2022, p. 51-52).

Luiz Inácio Lula da Silva



Figura 6 – Imagem de apresentação do candidato Lula, durante o debate da Band em 1989.
Fonte: (BAND, 1989).

Luiz Inácio Lula da Silva, torneiro mecânico por profissão, iniciou sua trajetória política como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Foi candidato ao governo de São Paulo em 1982 e, em 1986, elegeu-se deputado federal. Lula foi um dos fundadores da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e também ajudou a criar o Partido dos Trabalhadores (PT), do qual foi presidente. Em 1989, foi escolhido pelo partido como candidato à presidência da República. À época, tinha 44 anos de idade (Debate na Band, 1989).

A candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva em 1989 foi impulsionada por diversos fatores estratégicos e simbólicos, conforme analisa Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme. Um dos principais elementos foi o programa eleitoral, coordenado por José Dirceu, chamado "Rede Povo", que fazia uma sátira direta à Rede Globo, contando com a participação de cantores, artistas e intelectuais. Além disso, as cenas dos comícios repletos de bandeiras vermelhas foram impactantes e reforçaram a imagem de mobilização popular. Guilherme (2019, p. 106) destaca que o jingle "Sem medo de ser feliz, Lula lá, meu primeiro voto" funcionou como um elemento de mobilização junto aos militantes do PT e que, ao adotar um discurso direto e enfático que isentava os trabalhadores das consequências da crise, Lula conquistou apoio entre as camadas mais populares.

Ronaldo Caiado



Figura 7 – Imagem de apresentação do candidato Ronaldo Caiado, durante o debate da Band em 1989. Fonte: (BAND, 1989).

Ronaldo Caiado, natural de Anápolis (GO), é médico especializado em ortopedia. Ele foi um dos fundadores da União Democrática Ruralista (UDR), organização que, de acordo com sua própria definição, teve um papel importante na defesa da propriedade produtiva e da livre iniciativa. Candidato pelo Partido Social Democrático (PSD), Caiado enfrenta as urnas pela primeira vez aos 39 anos. (Debate na Band, 1989).

Guilherme Afif



Figura 8 – Imagem de apresentação do candidato Guilherme Afif, durante o debate da Band em 1989. Fonte: (BAND, 1989).

Conforme apresentado, Guilherme Afif Domingos, natural de São Paulo, é administrador de empresas e possui uma trajetória marcada pela presidência da Associação Nacional das Companhias de Seguro e da Associação Comercial de São

Paulo. Ele também atuou como secretário de Agricultura de São Paulo durante o governo de Paulo Maluf e exerce o cargo de deputado federal desde 1986. Atualmente, aos 46 anos, é candidato à presidência da República pelo Partido Liberal (PL). (Debate na Band, 1989).

Guilherme Afif Domingos destacou-se na eleição presidencial de 1989, sua performance eleitoral ficou conhecida como “Onda Afif”. Um elemento que marcou sua campanha foi a inovação no Horário Eleitoral Gratuito. Afif apresentou um dos programas mais bem elaborados, com forte apelo visual e estratégico. Ele se destacava por sua habilidade diante das câmeras e por um jingle cativante, "Juntos chegaremos lá", que ainda permanece na memória de muitos. Além disso, sua campanha foi pioneira ao incluir tradução em Libras, demonstrando atenção com a acessibilidade para ampliar o alcance de sua mensagem (Gomes, 2014).

Roberto Freire

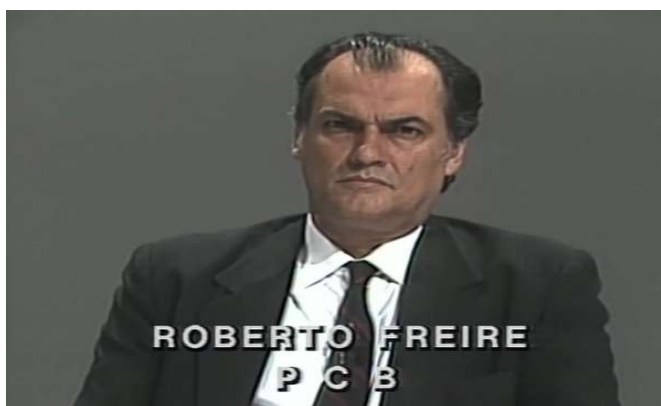


Figura 9 – Imagem de apresentação do candidato Roberto Freire, durante o debate da Band em 1989. Fonte: (BAND, 1989).

Roberto Freire, advogado, iniciou sua carreira política como candidato à prefeitura de Olinda. Posteriormente, foi eleito deputado estadual e, atualmente, cumpre seu terceiro mandato como deputado federal. Filiado ao comunismo desde 1962, Freire demonstra afinidade com a Perestroika, política de reformas promovida pelo presidente soviético Mikhail Gorbachev. Aos 47 anos, ocupa a vice-presidência do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que o escolheu como seu candidato à presidência da República. (Debate na Band, 1989).

Fernando Collor

Fernando Collor de Mello nasceu em 12 de agosto de 1949, no Rio de Janeiro, mas sua família tinha origem em Maceió, Alagoas, estando historicamente ligada à política. Segundo Rodrigo Gomes Aguiar, Collor passou a maior parte da adolescência entre o Rio de Janeiro e Brasília, acompanhando seu pai, Arnon de Mello, que ocupou o cargo de senador da República por duas décadas, entre 1962 e 1982. Durante esse período, Collor estudou jornalismo e economia na Universidade de Brasília (UnB), preparando-se para a carreira pública que viria a seguir (Gomes, 2014, p. 32). Embora Collor tenha sido convidado, não compareceu ao debate da Band, por isso não é exposto imagem dele no evento.

O debate do primeiro turno da eleição presidencial de 1989, realizado pela TV Bandeirantes, foi um marco na política brasileira. De acordo com Ricardo Gomes Aguiar, esse debate é considerado um dos mais memoráveis da história política do país, perdendo apenas para o último debate do segundo turno da mesma eleição. Com duração aproximada de três horas, o programa abordou temas complexos e, embora não tenha liderado a audiência, alcançou picos de 11% em âmbito nacional. Mais importante do que os números foi a profundidade de seu impacto, gerando repercussão significativa nos comícios e programas do Horário Eleitoral Gratuito por vários dias após sua transmissão (Gomes, 2014, p. 79).

Adicionalmente, o debate tornou-se uma plataforma para a consolidação de narrativas simplificadas, frequentemente sendo percebido mais pela polêmica do que pela profundidade nas discussões. Temas estruturais cruciais, como desigualdade social e reforma agrária, foram frequentemente negligenciados, sendo substituídos por slogans e trocas de acusações que reforçaram a lógica do espetáculo televisivo. Sobre o conflito entre os candidatos Leonel Brizola e Paulo Maluf durante o debate, Gomes explica que o debate presidencial de 16 de outubro de 1989 foi marcado por uma emblemática troca de frases entre Paulo Maluf e Leonel Brizola, considerada uma das discussões mais memoráveis daquela eleição. O diálogo, que durou cerca de um minuto e meio, simbolizou um confronto histórico entre dois políticos cujas trajetórias refletiam de forma marcante os 25 anos anteriores. Brizola, como uma das figuras mais impactadas pelo golpe militar de 1964, confrontou Maluf, que havia se beneficiado politicamente durante a ditadura, chamando-o de "filhote da ditadura".

Esse momento foi visto como um acerto de contas histórico, destacando as contradições políticas do período de redemocratização (Gomes, 2014, p. 80).

O formato de debate mais solto dificultou que o eleitorado avaliasse de forma crítica as propostas apresentadas pelos candidatos. Embora tenha simbolizado um marco nos avanços democráticos, o debate presidencial de 1989 transmitido pela TV Bandeirantes no primeiro turno também revelou desafios para a consolidação de uma esfera pública mais equitativa. A superficialidade de algumas discussões e o foco em tensões imediatas evidenciaram limitações da contribuição do espaço de debate para a reflexão dos projetos políticos.

2.3 Candidatos Nanicos

O autor Rodrigo de Aguiar Gomes, no livro *1989 – A maior eleição da história* apresenta os candidatos com votação menos expressiva como nanicos. O candidato Antônio Pedreira é destacado por ter sido o protagonista da primeira concessão de direito de resposta durante uma campanha presidencial. Em 3 de outubro, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) determinou que Antônio Pedreira, candidato pelo PPB, perdesse parte de seu já reduzido tempo no rádio e na televisão em favor de Fernando Collor de Mello, candidato do PRN.

A decisão foi motivada pelas acusações feitas por Pedreira, que afirmou que Collor realizava sua campanha com "dinheiro roubado do povo alagoano" e que tinha o objetivo de "alucinadamente galgar a presidência para assaltar de modo vil o povo brasileiro". Por conta dessa declaração, Pedreira perdeu cinco minutos de seu tempo de propaganda eleitoral (Gomes, 2014, p. 58).

Enéas Carneiro

O candidato Enéas Carneiro, embora considerado "nanico" do ponto de vista eleitoral, alcançou grande projeção durante a eleição presidencial de 1989. Segundo Rodrigo Gomes Aguiar, essa visibilidade foi conquistada mesmo com as limitações impostas pelas regras do Horário Eleitoral Gratuito, que vinculavam o tempo de propaganda ao tamanho das bancadas partidárias na Câmara dos Deputados. O PRONA, partido de Enéas, não possuía representação parlamentar, o que lhe garantiu apenas poucos segundos diários na televisão e no rádio. Apesar disso, Enéas destacou-se por seu estilo marcante, com a barba característica, a voz grave e a

célebre frase de encerramento: "Meu nome é Enéas", que o tornaram uma figura emblemática na política brasileira (Gomes, 2014, p. 58).

Fernando Gabeira

Fernando Gabeira construiu uma trajetória política singular e marcante. Segundo Rodrigo Aguiar Gomes, Gabeira, que havia participado do sequestro do embaixador dos Estados Unidos em 1969 durante o período de luta armada contra a ditadura militar, reconfigurou sua atuação pública após retornar ao Brasil em 1979, beneficiado pela Lei da Anistia¹¹. Nos anos seguintes, ele adotou uma postura mais moderada e passou a defender causas consideradas progressistas e inovadoras para a época. Entre suas principais pautas estavam a legalização das uniões homoafetivas, a descriminalização da maconha e a preservação ambiental, tornando-se uma figura que aliava ativismo político a temas de relevância social emergente (Gomes, 2014, p. 59).

"Marronzinho"

Alcides de Oliveira, conhecido como "Marronzinho", foi candidato à presidência pelo Partido Social Progressista (PSP) nas eleições de 1989. Segundo Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme, Marronzinho dispunha de apenas trinta segundos diários no horário eleitoral gratuito. Na década de 1980, ele era editor de um pequeno jornal chamado *A Voz*, usado para criticar políticos de centro-esquerda.

Durante a campanha de 1989, Marronzinho adotou uma postura de protesto contra o pouco tempo de propaganda televisiva, aparecendo com uma fita preta na boca em parte do primeiro turno. Seu lema era "Pobre vota em pobre", e suas propostas incluíam usar os equipamentos da Petrobras para prospectar água no sertão nordestino e fechar os bancos privados. No entanto, sua candidatura teve pouco impacto, alcançando 238 mil votos, o que representou 0,36% dos votos válidos, tornando-o o 13º mais votado (Guilherme, 2019, p. 170).

¹¹ A Lei da Anistia, promulgada em 1979, concedeu perdão a pessoas que cometeram crimes políticos ou conexos durante o regime militar brasileiro, abrangendo tanto opositores perseguidos quanto agentes estatais envolvidos em atos de repressão, inclusive tortura, o que gera debate sobre sua abrangência e implicações jurídicas até os dias atuais.

Lívia Maria Pio

Advogada e filiada ao Partido Nacionalista (PN), foi pioneira ao se tornar a primeira mulher na história do Brasil a concorrer à presidência da República. Conforme relata o historiador Cássio Augusto, sua candidatura em 1989 contou com apenas trinta segundos diários no horário eleitoral gratuito. Durante a campanha, Lívia acionou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em busca de uma divisão igualitária do tempo de propaganda entre os 22 candidatos, mas sua solicitação foi negada. Apesar de sua participação histórica, ela recebeu 179 mil votos, correspondendo a 0,27% dos votos válidos, o que a colocou como a 16ª candidata mais votada (Guilherme, 2019, p. 170).

Manoel de Oliveira Horta

Manoel de Oliveira Horta foi candidato à presidência pelo Partido da Democracia Cristã do Brasil (PDCdoB) nas eleições de 1989, tendo Jorge Coelho de Sá como vice em sua chapa. Conforme destaca Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme, Horta utilizava seus 30 segundos diários no Horário Eleitoral Gratuito para criticar os demais candidatos, uma estratégia que acabou prejudicando sua campanha.

Devido a essas críticas, ele foi alvo de diversos processos e perdeu parte de seu já reduzido tempo de propaganda em favor de direitos de resposta concedidos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) a candidatos como Mário Covas, Leonel Brizola e Fernando Collor. Essa situação comprometeu ainda mais sua visibilidade na disputa. Horta recebeu apenas 83 mil votos, equivalentes a 0,13% dos votos válidos, ficando na 21ª posição. Ele foi o último colocado, considerando que Armando Corrêa (PMB) teve sua candidatura impugnada pelo TSE após a tentativa de substituí-lo pelo apresentador Sílvio Santos (Guilherme, 2019, p. 171).

Zamir José Teixeira

Foi o candidato à presidência pelo Partido Comunitário Nacional (PCN) nas eleições de 1989, tendo como vice Willian Pereira da Silva, fundador e proprietário do partido. De acordo com Guilherme (2019), Zamir já possuía experiência política

anterior, tendo sido vereador por três mandatos em Campo Mourão (PR) pela Arena, além de ter concorrido ao Senado pelo PMDB no Acre em 1986.

Sua campanha tinha um tom peculiar e familiar, com comícios animados por seus filhos, a dupla sertaneja infantil Kennedy e Onassis. Apesar do esforço, Zamir obteve 187 mil votos, o equivalente a 0,28% dos votos válidos, ficando na 15ª posição entre os candidatos (Guilherme, 2019, p. 171).

Paulo Gontijo

Conhecido como PG, foi um empresário mineiro que concorreu à presidência pelo Partido do Povo (PP) nas eleições de 1989. Segundo Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme, sua campanha foi marcada por promessas ambiciosas, como desenvolver o Brasil "cem anos em cinco de mandato", caso fosse eleito. Apesar disso, Gontijo recebeu 198 mil votos, representando 0,30% dos votos válidos, o que o colocou na 14ª posição entre os candidatos (Guilherme, 2019, p. 172).

Celso Teixeira Brant

Candidato pelo Partido da Mobilização Nacional (PMN) na eleição de 1989, teve uma trajetória política marcada pelo nacionalismo e pela defesa de reformas estruturais. Como deputado federal entre 1959 e 1962, Brant apoiou pautas como a reforma agrária, a limitação da remessa de lucros ao exterior, a nacionalização dos bancos e a não interferência das Forças Armadas na política. No entanto, com o golpe militar de 1964, teve seus direitos políticos cassados pelo Ato Institucional nº 1 (AI-1)¹².

Na campanha presidencial de 1989, Brant usava os cinco minutos diários de propaganda eleitoral para enaltecer figuras históricas como Juscelino Kubitschek e Tiradentes, além de fazer duras críticas ao período ditatorial. Apesar de sua atuação combativa, obteve apenas 109 mil votos, representando 0,17% dos votos válidos, ficando em 19º lugar na disputa (Guilherme, 2019, p. 172).

¹² O Ato Institucional n.º 1 (AI-1), promulgado em 9 de abril de 1964, instituiu as bases legais do novo regime ao suspender garantias constitucionais, negar habeas corpus para crimes políticos, autorizar a cassação de mandatos parlamentares e permitir intervenção federal em estados e municípios, além de criar competência para tribunais militares julgarem civis, consolidando a repressão política inicial da ditadura.

2.4 Horário Eleitoral

Segundo Ricardo de Aguiar Gomes, o tempo destinado a cada candidato no Horário Eleitoral Gratuito da eleição presidencial de 1989 foi distribuído de forma proporcional à representação de seus partidos na Câmara dos Deputados. Esse critério beneficiou partidos com maior bancada, como o PMDB, que assegurou a Ulysses Guimarães o maior tempo (22 minutos), enquanto candidatos de partidos menores, como o PRONA e o PN, tiveram apenas 30 segundos diários. Essa desigualdade de distribuição influenciou significativamente a visibilidade das candidaturas durante a campanha.

Os programas eleitorais foram transmitidos a partir de 16 de setembro de 1989, com dois horários diários na televisão, às 13h e às 20h30, e no rádio, às 7h e às 20h. O Horário Eleitoral Gratuito foi considerado a última grande oportunidade para que os candidatos apresentassem suas propostas e conquistassem eleitores, reforçando a importância do tempo de exposição na mídia (Gomes, 2014, p. 55-56).

Quadro 1 – Tempo no Horário Eleitoral Gratuito dos Candidatos na Eleição Presidencial de 1989

Candidato	Coligação	Tempo no Horário Eleitoral Gratuito
Fernando Collor de Mello (PRN)	Movimento Brasil Novo (PRN, PSC, PTR, PST)	10 minutos
Luiz Inácio Lula da Silva (PT)	Frente Brasil Popular (PT, PSB, PCdoB)	10 minutos
Guilherme Afif Domingos (PL)	Aliança Liberal (PL, PDC)	10 minutos
Ronaldo Caiado (PSD)	Unidade Cidade-Campo (PSD, PDN)	5 minutos
Leonel Brizola (PDT)	–	10 minutos
Mário Covas (PSDB)	–	13 minutos
Paulo Salim Maluf (PDS)	–	10 minutos
Ulysses Guimarães (PMDB)	–	22 minutos
Roberto Freire (PCB)	–	5 minutos
Aureliano Chaves (PFL)	–	18 minutos
Affonso Camargo Neto (PTB)	–	10 minutos

Candidato	Coligação	Tempo no Horário Eleitoral Gratuito
Enéas Ferreira Carneiro (PRONA)	—	30 segundos
José Alcides M. de Oliveira (PSP)	—	30 segundos
Paulo Contijo (PP)	—	30 segundos
Zamir José Teixeira (PCN)	—	30 segundos
Lívia Maria Pio (PN)	—	30 segundos
Eudes Oliveira Mattar (PLP)	—	30 segundos
Fernando Gabeira (PV)	—	30 segundos
Celso Brant (PMN)	—	30 segundos
Antônio dos Santos Pedreira (PPB)	—	30 segundos
Manoel de Oliveira Horta (PDCdoB)	—	30 segundos
Armando Corrêa da Silva (PMB)	—	5 minutos

Fonte: GOMES, Rodrigo de Aguiar. *1989: a maior eleição da história*. Porto Alegre: Lorigraf, 2014. p. 56.

Resultado de votação no primeiro turno

O primeiro turno da eleição presidencial de 1989, realizado em 15 de novembro, revelou uma disputa marcada entre Fernando Collor de Mello, do PRN, e Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, que avançaram para o segundo turno. O resultado completo do primeiro turno foi o seguinte:

Quadro 2 – Resultados do Primeiro Turno das Eleições Presidenciais de 1989

Candidato	Partido	Votos	%
Fernando Collor de Mello	PRN	20.611.011	28,52%
Luiz Inácio Lula da Silva	PT	11.622.673	16,08%
Leonel Brizola	PDT	11.168.228	15,45%
Mário Covas	PSDB	7.790.392	10,84%
Paulo Maluf	PDS	5.986.575	8,92%
Guilherme Afif Domingos	PL	3.265.490	4,52%
Ulysses Guimarães	PMDB	3.204.932	4,43%
Roberto Freire	PCB	615.674	0,85%
Aureliano Chaves	PFL	588.066	0,81%
Ronaldo Caiado	PSD	488.846	0,68%
Afonso Camargo	PTB	379.286	0,52%
Enéas Ferreira Carneiro	PRONA	360.561	0,50%
Marronzinho	PST	238.425	0,33%
P.G.	PP	198.719	0,27%
Zamir José Teixeira	PCN	187.155	0,26%
Lívia Maria	PN	179.922	0,25%
Eudes Mattar	PLP	162.350	0,22%
Fernando Gabeira	PV	125.842	0,17%
Celso Brant	PMN	109.909	0,15%
Pedreira	PPB	86.114	0,12%
Manuel Horta	PDCdoB	83.286	0,12%
Corrêa	PMB	4.363	0,01%
Total		72.768.072	100%

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral. Resultados das eleições de 1989. Disponível em: [Tribunal Superior Eleitoral](#). Acesso em: 6 jan. 2025.

O resultado do primeiro turno, realizado em 15 de novembro de 1989, destacou a polarização entre Fernando Collor e Luiz Inácio Lula da Silva, que avançaram para o segundo turno com 28,52% e 16,08% dos votos, respectivamente. A campanha de Collor, ressaltou sua imagem como um candidato "moderno" e "moralizador". Lula, por outro lado, enfrentou narrativas conservadoras e preconceituosas que buscavam deslegitimar suas propostas.

Esse contexto revelou o impacto das narrativas midiáticas na formação da opinião pública e nas escolhas eleitorais. Collor beneficiou-se de estratégias de comunicação alinhadas à lógica do espetáculo televisivo, enquanto Lula enfrentou a resistência de uma mídia que amplificava estigmas sobre o movimento sindical e as pautas populares. Essa assimetria na construção e disseminação de discursos políticos no tempo do horário eleitoral das candidaturas, demonstrou como o controle da narrativa por setores dominantes restringiu a possibilidade de um debate público mais plural.

2.5 - Segundo Turno, Campanha e Estratégias Midiáticas

O segundo turno da eleição presidencial de 1989 no Brasil destacou aspectos controversos da política eleitoral, caracterizados pela intensificação de campanhas que enfatizavam questões da vida pessoal.

O então candidato Fernando Collor de Mello intensificou ataques pessoais contra Luiz Inácio Lula da Silva, e construiu uma narrativa que associava seu adversário ao comunismo¹³ em um contexto global marcado pelo colapso do bloco socialista. Essa estratégia que explorou medos sociais e preconceitos enraizados para desviar o debate político de questões substantivas.

A eleição presidencial de 1989 no Brasil marcou a primeira vez em que a televisão desempenhou um papel central como veículo de informação em um processo eleitoral, destacando a complexa interação entre mídia e política. Em especial, a TV Globo assumiu um papel de grande influência, atuando não apenas como transmissora de informações, mas também como um ator capaz de influenciar percepções e debates ao longo da campanha.

¹³ O comunismo é uma doutrina político-econômica que propõe a eliminação da propriedade privada dos meios de produção, com a coletivização desses meios sob controle estatal ou comunitário, tendo como objetivo final uma sociedade sem classes sociais, sem Estado e baseada na igualdade econômica entre todos os indivíduos.

Um dos pontos mais significativos foi o tratamento desigual dado aos candidatos do segundo turno. Fernando Collor de Mello foi amplamente promovido como o "caçador de marajás"¹⁴, de modo a reforçar sua imagem moralizadora. Em contraste, Luiz Inácio Lula da Silva enfrentou uma cobertura que o associava ao radicalismo de esquerda, reforçando estereótipos e temores entre parcelas significativas do eleitorado. O historiador Cássio Augusto, no artigo: A eleição de 1989: direita x esquerda, considera que:

Os meios de comunicação de massa, a televisão e a TV Globo, em especial, jogaram um papel-chave no processo. [...] foram centrais na configuração de um „cenário político“ para as eleições, moldando as formas de pensar o país e as soluções para suas dificuldades, por meio de novelas, séries, programas humorísticos, noticiários [...] a responsabilidade pela má situação do país foi atribuída ao Estado, à corrupção e à classe política (Sallum Jr, 2015: 70-71 apud Guilherme, 2016).

A cobertura realizada pela TV Globo exemplifica o impacto das grandes corporações midiáticas na definição dos rumos políticos, especialmente em uma sociedade com acesso limitado a fontes diversificadas de informação. Esse contexto reflete algumas dificuldades de consolidar uma esfera pública democrática em que liberdade de imprensa e a responsabilidade social possam coexistir de maneira a fortalecer a democracia, ao invés de comprometê-la. Conforme aponta Guilherme (2016, p. 97), durante toda a campanha eleitoral, especialmente no segundo turno, setores conservadores, empresariais, militares e a imprensa desempenharam um papel ativo no sentido de barrar a vitória de um candidato alinhado à esquerda, reforçando a influência desses grupos no resultado político.

Desse modo, a campanha presidencial de 1989 evidenciou tanto a força quanto a influência das corporações midiáticas, além de desafios de se garantir um debate político mais equilibrado em um ambiente marcado por profundas disparidades de poder e acesso à informação.

Ao recorrer a ataques pessoais, Collor polarizou ainda mais o debate público, delineando Lula como um "outro" a ser temido. A origem humilde do então candidato Lula, trajetória sindicalista e proximidade com pautas populares foram distorcidas para reforçar preconceitos sociais, promovendo uma retórica de exclusão. Essa estratégia não apenas fragilizava a imagem do adversário, mas também transformava a eleição

¹⁴ Marajá: Funcionário público ou pessoa com cargo público que recebe salário muito alto e goza de privilégios e vantagens.

em um campo emocional, no qual o medo e o preconceito eram mobilizados como ferramentas políticas.

O uso do anticomunismo como eixo central da narrativa foi uma estratégia recorrente e eficaz durante a campanha presidencial de 1989, onde Fernando Collor de Mello intensificou os ataques a Luiz Inácio Lula da Silva, associando-o a diversas ameaças à sociedade brasileira, segundo Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme, Collor afirmou que Lula, se eleito, confiscaria as poupanças dos brasileiros e vinculou suas ideias ao comunismo soviético¹⁵, retratando-o como um modelo fracassado. Além disso, questionou o padrão de vida de Lula, acusou-o de ser ateu e de querer dividir o país em classes sociais. Collor também alegou que o candidato petista incentivava a luta armada e a invasão de propriedades, buscando gerar medo entre os eleitores (Guilherme, 2019, p. 115).

Mensagens que sugeriam a perda de propriedades e o agravamento do caos econômico sob um governo de esquerda e, mobilizavam medos históricos e preconceitos, restringindo a possibilidade de um debate propositivo sobre os projetos políticos em disputa. Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme, destaca:

Lula é contra a participação de capital estrangeiro no desenvolvimento do país”, que se o candidato petista vencesse o Brasil não teria mais investimentos estrangeiros e que, segundo seus cálculos de presidente da maior federação das indústrias do país, “o número de empresários que fugiriam [do país] não seria menos que 800 mil (Gomes, 2014: 72-73 apud Guilherme p.97).

O autor também explica que a ameaça empresarial contra o candidato sindicalista veio no momento de crescimento da candidatura Lula. “Se a possibilidade de um segundo turno entre Collor e o esquerdista Brizola já assustava uma parcela da elite brasileira, a perspectiva de Lula na disputa final parecia uma tragédia” (Gomes, 2014: 77-78, apud Guilherme p.98).

As campanhas de Collor recorreram frequentemente a táticas de deslegitimação, explorando estigmas associados à origem operária e sindicalista de Lula. Ademais, o uso de manipulações emocionais e de estratégias de marketing político transformou o segundo turno em um espetáculo midiático, distanciando o

¹⁵ O comunismo soviético foi o modelo político e econômico implementado na União Soviética a partir da Revolução de 1917, baseado nos princípios do marxismo-leninismo, com a estatização da economia, partido único e centralização do poder estatal, visando à construção de uma sociedade igualitária por meio da ditadura do proletariado e do planejamento econômico centralizado.

eleitorado de uma análise crítica das propostas e prioridades nacionais. O historiador Cássio Augusto, explica:

Em 12 de dezembro um fato novo e sórdido foi levado ao ar no horário eleitoral de Fernando Collor. A enfermeira Miriam Cordeiro, uma ex-namorada de Lula em 1974, apareceu no vídeo acusando o petista de racismo e de ter oferecido dinheiro para que ela abortasse a filha, Lurian. A repercussão foi imediata e tomou as páginas dos jornais e noticiários de televisão. (Guilherme, 2016 p.104)

O segundo turno de 1989 ilustra como estratégias de ataque pessoal e a exploração de preconceitos coletivos podem afetar o debate democrático. As campanhas do candidato Collor, baseadas em narrativas anticomunistas e no uso de apelos emocionais, procuravam mobilizar medos históricos com o objetivo de deslegitimar o seu adversário.

Esse processo contribuiu para consolidar um ambiente político marcado pela hostilidade. O episódio evidenciou riscos de processos eleitorais transformarem-se em arenas de espetacularização, nas quais as demandas reais da sociedade são obscurecidas por interesses eleitorais imediatos e narrativas manipuladoras. A exploração de pré-conceitos como arma de guerra política demonstra como é possível comprometer a discussão no processo eleitoral, desviando o foco das questões enfrentadas pelo Brasil.

2.6 - Debate Televisivo Final: A Influência da Globo

O debate final da eleição presidencial de 1989, transmitido pela TV Globo, é um dos episódios mais controversos da história política brasileira. Tal evento evidenciou o poder de influência das grandes corporações midiáticas na construção de narrativas eleitorais, e, os limites éticos e vulnerabilidades da democracia diante do poder desproporcional exercido pela mídia.

A edição do debate, exibida no Jornal Nacional, adotou uma postura de favorecimento ao candidato Fernando Collor de Mello, destacando aspectos que transmitiam confiança e serenidade. Por outro lado, momentos favoráveis ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva foram minimizados ou apresentados fora de contexto. Esse tratamento editorial influenciou significativamente a percepção pública em um momento decisivo da campanha, criando um desequilíbrio que beneficiava Collor. A escolha deliberada de omitir falhas do candidato conservador enquanto

enfatizava fragilidades de Lula retratou a imagem de Collor como o mais apto para o cargo, enquanto apresentava Lula de forma hesitante e despreparada.

Os jornalistas e publicitários não agiram somente na formatação do posicionamento, postural e ideológico, do candidato no debate, mas no que provavelmente tivera mais importância para a campanha que foi o convencimento do eleitor de quem venceu o debate. Na dissertação: *Poder, Comunicação e Imagens: marketing eleitoral e memória midiática da campanha presidencial de 1989*. O autor Edgar de Sousa Rego, apresenta:

Uma confissão expressa recentemente pelo diretor de programação da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, relatou que o suor no rosto do candidato Collor era cenográfico, assim como as pastas de supostas acusações ao candidato Lula também eram papéis em branco. Portanto, muito mais importante do que “ir bem” no debate, foi a operação de convencimento de que Collor teria sido o vencedor do mesmo (Neto, apud Rego, 2012 p.71).

O episódio permite a reflexão sobre a prática jornalística e os limites do poder midiático em democracias. A atuação da Globo, nesse caso, compromete as condições de disputa entre os candidatos e, por consequência, o processo eleitoral. Ao favorecer Collor, a emissora influenciou o resultado da eleição, e expôs os riscos associados à concentração de poder midiático em um sistema que permite a moldagem da vontade popular por veículos de comunicação.

A eleição de 1989, permanece como um alerta para discussões sobre um sistema político suscetível à manipulação da informação. A instrumentalização do debate final pela TV Globo demonstrou como a mídia pode não apenas apresentar as disputas políticas, mas também participar como agente ativo na definição dos rumos eleitorais.

2.7 - Resultado e Vitória de Collor

Em 17 de dezembro de 1989, Fernando Collor de Mello foi eleito presidente do Brasil com 53,03% dos votos, derrotando Luiz Inácio Lula da Silva, que obteve 46,97% conforme a contagem do (TSE) Tribunal Superior eleitoral. Apesar de ser celebrada como um marco do retorno das eleições diretas após o regime militar, essa vitória foi marcada pela falta de equidade no processo eleitoral. A campanha foi caracterizada por uma assimetria significativa entre os candidatos, evidenciada pelo uso intensivo

de recursos financeiros e pela influência desproporcional de grandes conglomerados midiáticos que apoiaram Collor.

A ascensão de Collor foi amplificada por uma campanha midiática sofisticada, sustentada por discursos e estratégias que exploraram medos e preconceitos do eleitorado. Sua imagem de “caçador de marajás” foi cuidadosamente moldada para transmitir renovação e moralidade política, enquanto sua campanha evitava discussões mais aprofundadas sobre as contradições de seu programa ou suas alianças com setores conservadores e econômicos tradicionais. Em contrapartida, Luiz Inácio Lula da Silva enfrentou desafios significativos para combater preconceitos sociais e ideológicos, além de limitações financeiras e midiáticas que restringiram sua visibilidade e sua capacidade de dialogar com um público mais amplo. Essa desigualdade expõe os desequilíbrios estruturais do sistema eleitoral brasileiro, evidenciando como o poder econômico e a manipulação midiática podem influenciar a escolha democrática.

A eleição presidencial de 1989, embora simbolizasse a retomada das eleições diretas no Brasil, evidenciou fragilidades em um sistema político moldado por forças desproporcionais que limitaram a pluralidade e a equidade eleitoral. A intensa influência midiática e o desequilíbrio de recursos econômicos não apenas distorceram o processo, mas também colocaram em xeque a capacidade da democracia brasileira de garantir equidade de condições e representatividade efetiva. Esse episódio histórico permanece como um legado de desafios para a consolidação de um sistema político mais inclusivo.

3 - O CINEMA-DOCUMENTÁRIO E A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 1989 NO BRASIL

3.1 - O filme como Fonte Histórica

As representações cinematográficas, como objeto de estudo, apresentam novas possibilidades para o trabalho historiográfico, uma vez que a "Nova História"¹⁶ expandiu significativamente os horizontes de pesquisa ao redefinir a noção de fontes. Essa expansão permite distinguir conceitos como "filme" e "cinema", que possuem implicações distintas em sua análise.

Em seu sentido filmológico geral, o filmico concerne à obra projetada diante de um público, no mais das vezes considerado de um ponto de vista estético. Semiologicamente, o filme é a "mensagem" ou discurso fechado percebido pelo espectador. Ele se opõe ao "cinematográfico", aquele que designa, por um lado, o aspecto social, técnico ou industrial do cinema, e, por outro, o que em um filme diz respeito aos meios de expressão próprios à imagem fotográfica móvel, múltipla e sequencial (Cohen-Séat 1946 apud Aumont, Marie).

Com essa distinção, o filme pode ser entendido como a obra final apresentada ao público, enquanto o cinema abrange os processos e contextos sociais e técnicos que tornam essa produção possível. Conforme Aumont; Maury; Carlotti (2011, p. 15), a estética do cinema analisa filmes como mensagens artísticas que despertam gostos e sensações. Assim, ao unir imagem (espaço) e som/narração (tempo), o cinema se transforma numa arte total, capaz de mostrar visões de mundo, emocionar e ajudar a entender melhor a história e a cultura (Brandão, 2008, p. 7). A análise historiográfica, ao considerar tanto o filme quanto o cinema, amplia sua capacidade de compreender não apenas o produto final, mas também as condições de sua produção e as interações que ele provoca na sociedade.

Nesse sentido, o universo do cinema constitui um recurso que enriquece a análise histórica, proporcionando perspectivas culturais e sociais mais amplas. Por meio das representações visuais e narrativas oferecidas pelos filmes, os historiadores têm a oportunidade de acessar elementos que auxiliam na construção da memória coletiva, promovendo uma compreensão mais abrangente e integrada dos processos históricos.

¹⁶ A nova história caracteriza-se, entre outros aspectos, pela escolha de novos objetos de estudo, anteriormente ignorados pela história tradicional (Foucault e a "nova história". *Plural: Revista de Ciências Sociais*, São Paulo: Departamento de Sociologia da USP, 2003, p. 197).

Os filmes analisados por esta pesquisa enquadraram-se no gênero documentário, definido por Fernão Pessoa Ramos como “[...] documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo” (Ramos, 2008, p.11 apud Dias, 2009, p.2). Rodrigo Francisco Dias, ainda citando Ramos, complementa em seu artigo que “[...] ao contrário da ficção, o documentário estabelece asserções ou proposições sobre o mundo histórico”. (Ramos, 2008 apud. Dias, 2009, p.3). Ou seja, a análise crítica de filmes-documentário permite que os historiadores questionem as intenções e influências destas asserções sobre o mundo histórico.

Assim, o cinema não é apenas um objeto de estudo, mas um meio poderoso para se compreender a história e a sociedade. O estudo da história é enriquecido quando se atenta às novas formas de representação do mundo. Dessa forma, o cinema documentário não deve ser percebido como uma produção inocente; afinal, como Mombelli e Tomaim apresentam:

[...] os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social. (Nichols, 2005, p. 73, apud Mombelli e Tomaim, 2014, p. 5).

Por isso, os documentários sobre a eleição de 1989, lançados pelos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, apresentam narrativas que refletem suas interpretações ideológicas e seu tempo histórico. O documentário da *Folha de São Paulo* tem o título: "Finalmente, Diretas – 30 anos da eleição de 1989", enquanto o documentário do *Jornal O Globo* intitula-se "22 candidatos, baixarias e polarização: A eleição de 1989".

Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma análise historiográfica das duas produções em questão, buscando compreender como esses documentários articulam imagens, narrativas e contextos para apresentar perspectivas específicas sobre o processo eleitoral de 1989. Dessa forma, a análise demanda uma abordagem crítica e historiográfica, que os examine como produções artísticas, narrativas e ideológicas, refletindo os interesses e valores de seus respectivos contextos de produção. Essa perspectiva crítica busca demonstrar como esses filmes documentais influenciam a compreensão histórica, destacando a relevância do cinema como fonte histórica.

Cada documentário constitui uma interpretação visual de seu tempo, revelando narrativas que moldam diferentes visões acerca da história.

3.2 - Intencionalidades das Produções

A análise desses documentários e a postura dos jornais durante a eleição de 1989 demonstra como a mídia pode influenciar a percepção pública sobre eventos políticos importantes. A iniciativa da *Folha de S. Paulo* e de *O Globo* em documentar esse momento histórico mostra o reconhecimento da importância da eleição de 1989, mas também destaca as diferentes abordagens editoriais e a maneira como cada jornal interpretou e apresentou os fatos.

Para analisar as produções dos jornais, é relevante considerar o histórico de sua atuação. No caso do jornal *O Globo*, Azevedo (2018, p. 274) destaca que sua fundação ocorreu no Rio de Janeiro, em 1925, inicialmente como vespertino, tornando-se matutino a partir de 1962. Entre as décadas de 1930 e 1980, *O Globo* consolidou-se como o diário de maior circulação no Brasil, superando concorrentes tradicionais. Sua ascensão coincidiu com a formação das Organizações Globo, um conglomerado midiático que expandiu suas atividades para incluir rádios e revistas na década de 1940 e televisão nos anos 1960. Além disso, Azevedo também complementa sua descrição do Jornal *O Globo*:

Hoje, o Grupo Globo é o maior conglomerado de mídia do Brasil, liderando de forma absoluta a audiência da rede aberta (TV Globo e suas afiliadas), com importante presença na TV fechada, através da Globosat (Globonews, GNT, Multishow, Telecine, SporTV, entre outros) e no sistema radiofônico (rádios Globo e CBN), bem como nas novas mídias digitais (portal G1)⁴. Sua influência na imprensa escrita não se limita ao Globo: o grupo edita também, no Rio, o jornal Extra, de perfil popular, e o Valor Econômico, diário especializado em economia e finanças e líder em seu segmento, além da revista Época, que concorre com Veja, IstoÉ e Carta Capital no mercado das revistas de informação semanal. Possui, ainda, a Rio Gráfica Editora, que publica livros e inúmeras revistas para público segmentado (Azevedo, 2018, p.274).

Após abordar o histórico do jornal *O Globo*, é pertinente analisar também o contexto e a produção da *Folha de S. Paulo*. No mesmo artigo, *PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014)*, Azevedo apresenta uma descrição detalhada sobre a estrutura e atuação do grupo empresarial ao qual o jornal pertence. Segundo o autor:

A Folha faz parte de um grupo empresarial que edita o jornal e publica também Agora São Paulo, jornal popular que circula na capital paulista. O grupo também é proprietário de um dos maiores portais do país, o UOL, que abriga a

edição digital da Folha, e atua também no segmento editorial, através da Folha Gráfica e da Editora Publifolha (Azevedo, 2018, p. 277).

Perceber o histórico de cada veículo e a influência sobre as suas narrativas e produções editoriais, permite estudar as suas representações sobre a complexidade do processo de redemocratização no Brasil e a influência da mídia na formação da opinião pública. Portanto, os jornais, como empresas privadas, têm intencionalidades que norteiam as suas produções e, o documentário, seu produto, não está livre desses interesses. “Na medida em que representa o mundo, o documentário assume um ponto de vista sempre singular, já que se constitui conforme a visão do cineasta/diretor” (Mombelli e Tomaim, 2014, p. 6).

De maneira similar, os editoriais dessas organizações também devem ser analisados, pois tem a intenção de expresar as posições políticas dos jornais. Como ressalta Eilders (1997, apud Azevedo, 2018, p. 274), “a alma dos jornais está nos editoriais, que são o core jornalístico que emite e transmite a posição política das publicações e de seus proprietários.”. Dessa forma, o estudo dos editoriais é uma ferramenta importante para compreender as suas tentativas de representações históricas e políticas.

A própria iniciativa de se produzir documentários comemorativos dos 30 anos do processo eleitoral de 1989, demonstra a intenção de se construir e reforçar narrativas sobre a história política recente do Brasil. A partir dos títulos, é possível fazer considerações sobre como os dois órgãos de imprensa percebem o processo eleitoral presidencial de 1989.

3.3 - Abordagem do Jornal O Globo

O título do documentário produzido pelo Jornal *O Globo*, “22 candidatos, baixarias e polarização: a eleição de 1989”, apresenta uma visão condenatória do processo eleitoral de 1989, enfatizando-o como um evento sujo ou apelativo. Este título resume a eleição de 1989 a uma visão negativa sobre os enfrentamentos entre os 22 candidatos no pleito.

O documentário foi disponibilizado no canal do jornal *O Globo*, na plataforma de vídeos YouTube em 16 de novembro de 2019 e, um dia antes, em 15 de novembro de 2019, o jornal publicou uma matéria descrevendo o processo eleitoral de 1989, que incluiu trechos de entrevistas realizadas no documentário. Na matéria redigida por Ascânio Selême, lê-se: “O país seria finalmente saciado, em dois turnos, nos dias 15

de novembro e 17 de dezembro de 1989. Fernando Collor de Mello foi eleito com 53,03% dos votos contra 46,97% de Luiz Inácio Lula da Silva” (Globo, 2019).

Nos princípios editoriais do jornal O Globo, a busca por isenção é enfatizada como uma condição dos seus trabalhos jornalísticos. O jornal destaca a diferença entre “propaganda” de veículos jornalísticos e a “produção de conhecimento”, que, segundo o jornal, marca sua atuação. No preâmbulo dos seus princípios editoriais, é destacado por O Globo (s.d) que “pratica jornalismo todo veículo cujo propósito central seja conhecer, produzir conhecimento, informar. O veículo cujo objetivo central seja convencer, atrair adeptos, defender uma causa, faz propaganda. Um está na órbita do conhecimento; o outro, da luta político-ideológica” (O Globo, s.d).

A escolha do título do documentário, embora não faça distinção de valor entre nenhum dos 22 candidatos do processo eleitoral, adota uma postura que condena a todos, reforçando o preconceito a respeito dos políticos, associando os à “baixaria”.

O jornal, dessa forma, se coloca numa condição moralista de juiz, que define que todos foram imorais. E, ao condenar todos os candidatos, o processo político acaba sendo condenado junto pelo jornal.

A isenção a respeito do processo eleitoral foi deliberadamente posta de lado pelo jornal O Globo na escolha do título do documentário, contrariando o que diz em seu editorial sobre isenção. O Globo considera: “isenção é a palavra-chave em jornalismo. E tão problemática quanto “verdade”. Sem isenção, a informação fica enviesada, viciada, perde qualidade” (O Globo, s.d).

A escolha do título do documentário do Jornal *O Globo*, “22 candidatos, baixarias e polarização: a eleição de 1989” fragiliza qualquer suposta imparcialidade, pois o título do documentário enfatiza uma visão condenatória do processo eleitoral de 1989, descrevendo-o como um evento sujo e apelativo, o que reflete uma postura moralista e depreciativa em relação aos políticos envolvidos. O jornal O Globo, ao escolher esse título, contribui para a despolitização reforçando preconceitos e deslegitimando o processo político. Ao condenar todos os candidatos, o jornal não apenas desqualifica os políticos, mas também o próprio processo eleitoral, construindo uma visão desiludida da política.

3.4 Abordagem do Jornal Folha de São Paulo

O documentário do jornal Folha de S. Paulo, intitulado “Finalmente, Diretas - 30 anos da eleição de 1989”, foi disponibilizado no canal do jornal, na plataforma de vídeos

YouTube, no dia 15 de novembro de 2019. Na matéria de anúncio divulgada pela Folha em seu site, lê-se: “Há 30 anos, em 15 de novembro de 1989, os brasileiros enfim iam às urnas para escolher um presidente da República. Foi a primeira eleição direta em 29 anos, realizada num clima de empolgação cívica poucas vezes visto antes ou depois” (Scolese, 2019).

Através desse título, é possível notar que a Folha de S.Paulo enfatiza a ansiedade e a expectativa da sociedade brasileira em relação à eleição direta para presidente da república. O título "Finalmente, Diretas" mantém fidelidade ao discurso de divulgação do jornal, que opta por destacar a relevância histórica da eleição de 1989.

Essa eleição representou a primeira oportunidade em quase três décadas para que os brasileiros escolhessem diretamente seu presidente, marcando um momento de grande importância na redemocratização do país. Entre os princípios editoriais da Folha de S.Paulo, disponíveis em seu site, consta que o jornal se compromete a “promover os valores do conhecimento, da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa, da equalização de oportunidades, da democracia representativa, dos direitos humanos e da evolução dos costumes” (De S.Paulo, n.d.).

Dessa forma, é possível notar a adequação do título "Finalmente, Diretas" a esses princípios editoriais. O jornal adota uma postura de valorização da eleição de 1989, enfatizando a sua representação como a primeira eleição presidencial direta após o regime militar no Brasil. Ao utilizar as palavras "Finalmente, Diretas", a Folha de S.Paulo recupera a memória dos movimentos das Diretas Já¹⁷, que foram fundamentais na luta pela redemocratização do país.

A abordagem do documentário é notavelmente positiva, buscando celebrar a importância desse marco histórico na consolidação da democracia brasileira. Essa postura é consistente com a missão da Folha de S.Paulo, de promover os valores democráticos e de informar a sociedade com um olhar crítico e construtivo. Ao destacar a empolgação cívica e a relevância da eleição de 1989, o jornal contribui para a construção de uma memória coletiva que valoriza a participação popular e a conquista democrática.

¹⁷ As Diretas Já foi um movimento civil de grande mobilização popular ocorrido entre 1983 e 1984, que exigia o retorno das eleições diretas para a presidência da República no Brasil, durante a transição do regime militar para a democracia.

A eleição de 1989 foi um evento crucial não apenas por ser a primeira eleição presidencial direta após a ditadura, mas também porque representou uma vitória da sociedade civil que havia lutado intensamente pelo restabelecimento da democracia. Os movimentos sociais e políticos das Diretas Já, mobilizaram milhões de brasileiros em um esforço conjunto para reconquistar o direito ao voto direto, refletindo um desejo profundo de liberdade e autodeterminação. Ao revisitar esses eventos através do documentário "Finalmente, Diretas - 30 anos da eleição de 1989", a Folha de S. Paulo não apenas celebra um momento histórico, mas também reafirma seu compromisso com o processo democrático.

A escolha do título é uma homenagem ao esforço coletivo que culminou na realização das eleições diretas, reconhecendo o papel fundamental da sociedade brasileira na construção da Nova República.

Em suma, a abordagem da Folha de S. Paulo em seu documentário reflete uma visão positiva e valorosa da eleição de 1989, alinhando-se com seus princípios editoriais de promoção da democracia e do conhecimento. Ao enfatizar a importância histórica e a empolgação cívica desse evento, o jornal contribui para a preservação da memória democrática brasileira e para a valorização da participação cidadã na política.

Aspectos Internos de Análise do Documentário da Folha de S. Paulo

O documentário produzido pelo *Jornal Folha de S. Paulo* percebe a eleição presidencial de 1989 como um evento de esperança. Embora seja um retrato válido de um período conturbado e de muita incerteza política e econômica, a sua narrativa parece priorizar uma interpretação da eleição como um momento de celebração do processo de redemocratização brasileiro. O documentário não apresenta direção nos créditos. A análise de aspectos internos do documentário obedeceu a divisão do documentário pela sua própria divisão por capítulos que foi lançada na plataforma Youtube. Portanto, cada capítulo é exposto com a contagem, em minutos, do seu início e o título que recebeu na postagem no Youtube.

0:00 Introdução

O documentário contextualiza a eleição presidencial de 1989 como um marco histórico, destacando seu papel na redemocratização. Imagens de arquivo de comícios e discursos apresentam o clima político da época. As imagens são apresentadas com a narração de falas dos entrevistados que aparecerão ao longo do

documentário. É uma forma de situar o expectador no contexto do processo eleitoral de 1989, através dos entrevistados sobre o significado histórico do sufrágio.

O caráter de novidade que a eleição representou no período, é ressaltado na voz do então candidato Guilherme Afif, que diz: “Eu votei pela primeira vez para presidente naquela eleição, junto com o meu filho de dezesseis anos” (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:00:48).

A fala da historiadora Lilia Schwarcz também enfatiza um significado de passagem e o sentimento de esperança que marcaram o período de redemocratização no Brasil. Segundo ela: “A eleição de oitenta e nove vinha de um país que queria se reinventar, que queria se redemocratizar, que queria expurgar o fantasma da ditadura militar” (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:01:00).

Essas reflexões iniciais não apenas ilustram o momento histórico, mas também sugerem um desejo coletivo de renovação política e social, marcado pela superação do autoritarismo e pela busca por novos caminhos democráticos. Ao evidenciar esses sentimentos, o documentário convida o público a revisitar o passado não apenas como uma memória, mas como um ponto de partida para compreender as possibilidades da democracia no presente.



Figura 10 – Manifestações de comício apresentada na introdução do documentário. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019)



Figura 11 – Capa que apresenta o título do documentário. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019)



Figura 12 – Foto de manifestações no ano de 1989 mostrada na introdução do documentário. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019)



Figura 13 – Foto de manifestações em 1989, mostrada na introdução do documentário, onde uma mulher apresenta a reivindicação por licença maternidade de 120 dias escritas na camisa. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

O uso de planos gerais no início, para mostrar manifestações públicas, ambienta o espectador no contexto histórico, permitindo que o impacto da redemocratização seja sentido de forma visual. Segundo o *Dicionário de Audiovisual* (2024, p. 10), "os planos gerais ambientam o personagem dentro do cenário". Essa escolha, portanto, tem a intenção de conectar a narrativa histórica ao ambiente social da época.

1:13 Expectativa para o Debate

Este capítulo do documentário enfatiza a expectativa para os debates presidenciais. A imagem que de início ocorre é no minuto 1:13, com a tela que expõe o debate realizado pela Rede Bandeirantes de Televisão. A gravação do debate é apresentada no documentário com o título e os candidatos em plano geral.

A jornalista Marília Gabriela, mediadora do debate, ao ter o rosto focado em plano fechado, enfatiza a relevância histórica do debate, ao dizer: "Boa noite, a partir de agora a Rede Bandeirantes inicia o primeiro encontro de candidatos à Presidência da República da história da televisão brasileira" (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:01:18).



Figura 14 – Imagem de abertura do debate realizado pela Rede Bandeirantes de televisão.
Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

Depoimentos de entrevistados como o jornalista Boris Casoy¹⁸ e o ex-ministro Maílson da Nóbrega¹⁹ são apresentados de forma alternada com imagens dos debates eleitorais, criando uma narrativa que intensifica o clima de expectativa. Essa abordagem ressalta tanto a importância histórica do evento quanto a atmosfera de incerteza que cercava um processo democrático ainda em construção no Brasil. A combinação de relatos e imagens promove uma imersão que nos desafios e esperanças daquele momento decisivo.

O entrevistado Boris Casoy, mediador do debate entre os candidatos à presidência, realizado pelo SBT em 1989, diz: “A eleição de 89 teve um caráter de desabafo, era a coroação da redemocratização” (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:02:06).

A fala do ex-ministro da fazenda do governo Sarney, Maílson da Nóbrega, enfatiza a grande quantidade de candidatos, ao dizer: “Era a primeira eleição depois do regime militar, uma profusão grande de candidatos. Foi uma eleição em que estava em jogo a questão da desigualdade, [...] da estabilidade e, [...] dos privilégios” (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:02:18).

Na declaração de Maílson da Nóbrega, destacam-se questões históricas centrais da realidade brasileira, como a desigualdade social e os desafios à estabilidade econômica, temas que continuam relevantes em 2024. No entanto, em 1989, em um contexto de grave crise econômica, a realidade enfrentada pela maioria dos brasileiros era ainda mais dura. As dificuldades econômicas intensificavam as contradições sociais, tornando a desigualdade ainda mais evidente e os debates eleitorais um reflexo das demandas urgentes de uma população em busca de soluções.

¹⁸ Boris Casoy é jornalista, conhecido por sua atuação como âncora de telejornais em emissoras como a TV Bandeirantes e o SBT, além de ter presidido o Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro durante o regime militar.

¹⁹ Maílson da Nóbrega é economista e foi ministro da Fazenda entre 1988 e 1990, período de transição democrática e intensa instabilidade econômica no Brasil.



Figura 15 – Imagem da entrevista do ex-ministro Maílson da Nóbrega. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019)

2:56 Não Tínhamos Eleições Diretas

O longo período em que o Brasil esteve privado do voto direto para presidente da República é abordado neste capítulo por meio das falas dos entrevistados, que destacam o anseio existente em 1989 pela reconquista desse direito. A historiadora Lilia Schwarcz é enfática ao dizer: “Desde os anos 60 não tínhamos eleições diretas” (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:02:58).

Em simultâneo à sua fala, são exibidas gravações do processo da Assembleia Nacional Constituinte, realizado em 1988, que forneceu sustentação jurídica ao Estado Democrático de Direito celebrado pela eleição presidencial de 1989. A historiadora Lilia Schwarcz situa o espectador no contexto das gravações da Assembleia Nacional Constituinte, afirmando: “Tínhamos acabado de promulgar a constituição de 88, a constituição cidadã queria introduzir um projeto de normalidade jurídica que iria fazer um pacto constitucional” (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:03:18).

A escolha por planos, imagens e sons diretos das gravações históricas da Assembleia Nacional Constituinte tem como objetivo capturar a intensidade dos eventos e permitir uma conexão emocional imediata com o espectador.



Figura 16 – Imagem da entrevista da Historiadora Lilia Schwarcz. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019)



Figura 17 – Imagem de gravação do Presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulisses Guimarães anunciando a promulgação da Constituição Federal de 1988. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

A gravação de 1989 apresenta o então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulisses Guimarães, anunciando: "O documento da liberdade, da dignidade, da democracia, da justiça social, do Brasil. Que Deus nos ajude, que isso se cumpra." (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:03:30).

Imagens históricas dos eventos relacionados à promulgação da Constituição Federal são combinadas com narrações em off, que desempenham um papel essencial na conexão entre o contexto histórico e a relevância do momento retratado. Essas narrações, caracterizadas por vozes que não aparecem na cena, atuam como

um guia interpretativo, oferecendo ao espectador contexto adicional e facilitando a compreensão do material exibido. Segundo o *Dicionário de Audiovisual* (2024, p. 22), "a narração em off é um recurso que oferece contexto e comentário sem a necessidade de intervenção direta dos personagens ou entrevistados". Complementando as imagens e narrações, o uso de sons diretos, como os aplausos registrados, intensifica a carga emocional do período, permitindo uma experiência mais imersiva para o espectador.



Figura 18 – Imagem da entrevista do candidato à presidência em 1989, Guilherme Afif Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019)

O entrevistado Guilherme Afif, que havia participado como candidato na eleição presidencial de 1989, explica: “Então você veja que foi um encontro de gerações nas urnas. Uma eleição muito ansiada pela sociedade” (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:04:13).

4:45 Democracia

Este capítulo explora as aspirações democráticas da população brasileira durante o período do processo eleitoral de 1989. Planos abertos capturam a amplitude das manifestações que haviam ocorrido em 1984 pelas Diretas Já, transmitindo a dimensão coletiva da mobilização popular. Esses enquadramentos, como destacado pelo *Dicionário de Audiovisual* (2024, p. 09), "situam o espectador dentro do contexto social amplo, reforçando a escala e o impacto do evento representado".



Figura 19 – Imagem de manifestação pública pelas Diretas Já. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

Ao mesmo tempo, o depoimento de Maílson da Nóbrega, ministro da fazenda do Governo Sarney, discute como a democracia era vista como um remédio para os problemas sociais e políticos do Brasil. O entrevistado considera:

A democracia foi vista como não só o alívio do país se ver livre de um regime autoritário, mas como a saída para todos os problemas do país. Nós brasileiros achávamos que a democracia iria reduzir a desigualdade de renda rapidamente, ia por fim a inflação, aumentar a renda, o emprego. [...] primeiro que a democracia não tem esse poder (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:05:00).

Ou seja, o tom esperançoso contrasta com a quebra de expectativas causadas pelas contradições e desafios estruturais que permeavam a transição democrática, como a exclusão de grupos marginalizados das decisões políticas. Assim, a democracia é representada de uma forma que se limita ao sufrágio, sem abordar uma compreensão mais ampla que inclua direitos sociais e igualdade substancial, o que limita a reflexão crítica do documentário sobre o período.

5:35 Desigualdade

Este capítulo examina como as desigualdades sociais foram um elemento marcante durante o período eleitoral de 1989, agravada pela crise econômica. A historiadora Lilian Schwarcz destaca a predominância de uma elite masculina e branca no cenário político, refletindo sobre as estruturas de exclusão social do Brasil. A entrevistada considera:

Se você olhar a fotografia dos candidatos, são todos homens de meia idade, de classe média para elite, brancos e bem colocados na sociedade. Então, a gente fala de uma eleição variada. É variada, sempre segundo esse espectro brasileiro de variado (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:05:40).

A entrevistada, ex-prefeita da cidade de São Paulo, Luísa Erundina, destaca como a configuração das candidaturas em 1989 evidenciava a ausência de representatividade em espaços de poder. Segundo ela, essa realidade traduzia uma situação de exclusão que afetava diferentes segmentos da sociedade, especialmente as mulheres. Em suas palavras: “havia uma situação concreta de exclusão desses segmentos, nunca se pensou que a mulher pudesse ser presidente da república” (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:05:58).

Esse depoimento lança luz sobre a desigualdade estrutural que marca o cenário político, enfatizando a dificuldade de acesso ao poder enfrentada por grupos historicamente marginalizados. Para reforçar essa reflexão, o documentário realiza um corte rápido e apresenta trechos de gravações do período com Abdias Nascimento e Chica Xavier, destacando a exclusão dos negros no ambiente político. Essas inserções visuais e narrativas ampliam a análise, evidenciando que a exclusão não era restrita a gênero, mas também abrangia questões raciais, consolidando um panorama mais amplo das desigualdades na construção do poder político no Brasil.

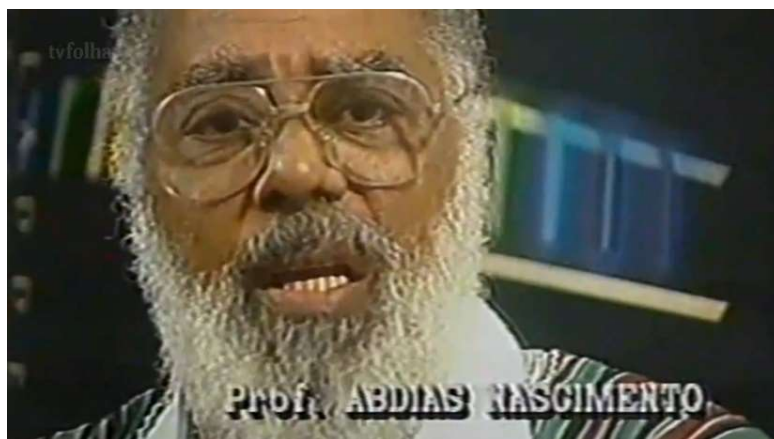


Figura 20 – Imagem de gravação do professor Abdias Nascimento. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO).



Figura 21 – Imagem de gravação de Chica Xavier Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

O documentário toca em questões importantes, mas analisa de forma superficial as dinâmicas que mantêm essas desigualdades. Embora o capítulo mostre as tensões entre a celebração da democracia e as falhas em lidar com esses problemas, ele não aprofunda as causas dessas disparidades. Isso enfraquece a análise, que poderia examinar com mais clareza os fatores que sustentam as exclusões políticas e sociais. Ainda assim, o capítulo destaca a persistência de uma dualidade: enquanto a democracia avança, as desigualdades estruturais continuam. Mesmo após a redemocratização, a inclusão de diferentes grupos da sociedade permanece sendo uma demanda atual.

7:19 Debates

Este capítulo apresenta os debates televisivos como momentos decisivos na eleição de 1989. A montagem adota a técnica de corte seco para alternar entre trechos dos debates e análises contemporâneas, criando um efeito de impacto e dinamismo na narrativa. De acordo com o Dicionário de Audiovisual (2024, p. 12), o corte seco é definido como uma "Passagem de dois planos, A para B, sem se dar qualquer intermédio de efeitos ou transição". Essa explicação ajuda a entender como essa técnica enfatiza mudanças abruptas, eliminando transições suaves e direcionando a atenção do espectador para pontos específicos de tensão ou conflito. No contexto do documentário, o corte seco é usado para conectar diferentes momentos e perspectivas, intensificando a experiência narrativa e destacando a importância dos debates na eleição.

Nessa variação de cenas, em 2019, o jornalista Boris Casoy considera: “As pessoas não conheciam o processo. E o próprio processo não se auto conhecia. [...] Os debates eram praticamente livres, hoje tem essa questão do tempo muito rígido” (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:07:04). É uma forma de explicar que os debates tinham um formato mais livre em comparação aos atuais, o que permitia maior espontaneidade, mas também favorecia a escalada de tensões.

Nos debates televisivos apresentados no documentário, os enquadramentos frequentemente utilizam planos conjuntos dos candidatos, destacando as interações e intensificando as emoções em momentos de conflito. Conforme descrito no Dicionário de Audiovisual (2024, p. 09), esse tipo de enquadramento é utilizado para capturar duas ou mais pessoas em cena, geralmente com um ângulo aberto, sendo uma técnica que enfatiza as dinâmicas interpessoais e amplifica a percepção de tensão entre os participantes.

A escolha de cenas que mostram confrontos diretos entre os candidatos reforça a intensidade do momento, enquanto a narração em off do entrevistado Roberto Freire, que também foi candidato na eleição de 1989, ressalta a dificuldade enfrentada pelos mediadores durante os embates nos debates.



Figura 22 – Imagem de discussão entre os candidatos Brizola e Maluf durante o debate da Band. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).



Figura 23 – Imagem de discussão entre os candidatos Brizola e Maluf durante o debate da Band com a plateia ao fundo. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

8:43 Silvio Santos

A tentativa de Silvio Santos de entrar na corrida presidencial é retratada neste capítulo, destacando o impacto de sua força midiática e o breve, mas significativo efeito de sua candidatura.



Figura 24 – Imagem de aparição pública do apresentador Sílvio Santos em 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

O documentário apresenta trechos de programas e músicas de campanha alusivos à identidade construída pelo apresentador Silvio Santos. Em uma das gravações do SBT de 1989, que são exibidas pelo documentário, Silvio Santos diz: “Vocês sabem que desde que comecei a falar de política, as minhas preocupações sempre foram com as pessoas menos favorecidas” (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:09:40).

A utilização de imagens de arquivo, como jingles de campanha e cenas do SBT intensifica a conexão emocional do espectador com a narrativa. Apesar de destacar a força midiática de Silvio, o documentário não aprofunda as dinâmicas de poder que impediram sua candidatura, limitando a análise ao impacto superficial da mídia.

Guilherme Afif, em sua entrevista, revela que chegou a sondar Silvio Santos para compor uma chapa como vice-presidente, enquanto também atribui à emissora Globo articulações para inviabilizar a candidatura de Silvio em um “pega pra capturar” como descrito. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:09:20).

De acordo com o historiador Rodrigo Gomes Aguiar, a candidatura de Silvio Santos nas eleições presidenciais de 1989 foi alvo de uma série de questionamentos legais, resultando em um total de 159 ações apresentadas ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Esses questionamentos variavam desde irregularidades no prazo de filiação de Silvio ao Partido Municipalista Brasileiro (PMB) até o fato de ele ser proprietário de uma concessionária de serviço público, o que, segundo a legislação, tornava sua candidatura inviável.

Enquanto a página do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) contextualiza os acontecimentos que levaram à tentativa de candidatura de Silvio Santos nas eleições presidenciais de 1989, explicando que a articulação para sua entrada no pleito ocorreu a menos de um mês do primeiro turno, pois setores do Partido da Frente Liberal (PFL), ao qual Silvio Santos era filiado desde 1988, buscaram viabilizar sua candidatura por meio de outra legenda: o Partido Municipalista Brasileiro (PMB), devido ao fraco desempenho do partido nas intenções de voto. Essa manobra foi possível porque Armando Correia, candidato original do PMB, concordou em renunciar à disputa, abrindo caminho para que Silvio Santos assumisse a chapa presidencial (TSE, 1989).

O jornalista Boris Casoy, explica no documentário que as cédulas eleitorais já haviam até mesmo sido impressas, portanto, mesmo em campanha para se eleger presidente, Silvio Santos precisaria convencer os eleitores a marcarem o nome Armando Correia na cédula. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:09:05).

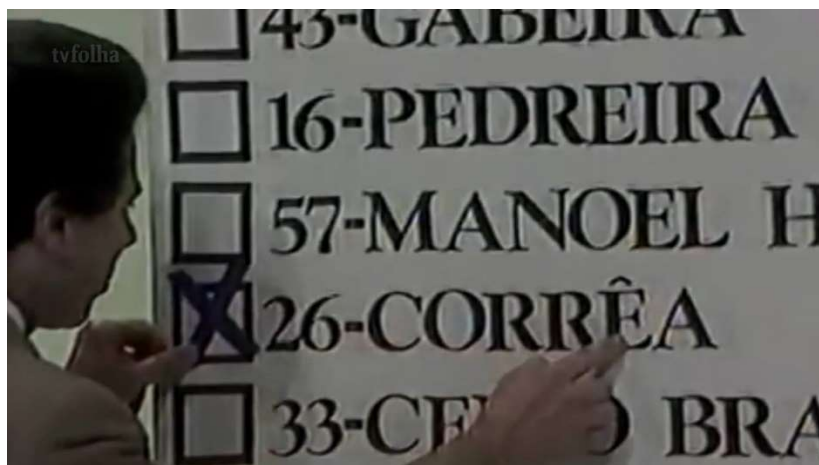


Figura 25 – Imagem do apresentador Sívio Santos no Programa Sívio Santos em 1989, onde o mesmo ensina os telespectadores a votar no Armando Correia. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

O documentário inclui um trecho do programa *Silvio Santos*, exibido em 1989, no qual o apresentador elogia o processo eleitoral e, em rede nacional, apresenta um tutorial para os telespectadores explicando como votar em Armando Correia, de forma a viabilizar sua escolha como Presidente da República.

A página do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) esclarece que a candidatura de Silvio Santos à presidência da República em 1989 foi impugnada por duas razões principais: a falta de capacidade jurídica eleitoral do Partido Municipalista Brasileiro (PMB) para indicar candidatos e a inelegibilidade de Silvio Santos devido à sua relação com uma empresa concessionária de serviço público.

Primeiramente, o PMB, que inicialmente apresentava Armando Correia como candidato, abriu espaço para a chapa formada por Silvio Santos e Marcondes Gadelha após a renúncia de Correia. Contudo, o TSE declarou a "incapacidade jurídica eleitoral do partido para indicar candidatos" e invalidou a nova chapa, considerando que o PMB não havia cumprido os requisitos legais necessários, como a realização de convenções regionais obrigatórias (TSE, 1989).

Adicionalmente, o TSE acatou o parecer da Procuradoria-Geral Eleitoral, que apontou a inelegibilidade de Silvio Santos com base no art. 1º, II, *d*, da Lei Complementar nº 5/70. Esse dispositivo determinava a inelegibilidade de candidatos que, nos seis meses anteriores ao pleito, tivessem exercido funções de direção ou administração em empresas concessionárias de serviço público. Apesar de não constar formalmente como diretor, o Tribunal reconheceu que Silvio Santos era "de

fato, dirigente de uma rede televisiva de alcance nacional" e, portanto, inelegível (TSE, 1989). Assim, em 9 de novembro de 1989, o TSE indeferiu, por unanimidade, o pedido de registro da chapa Silvio Santos–Marcondes Gadelha, impedindo a participação da candidatura nas eleições presidenciais (TSE, 1989).



Figura 26 – Imagem de matéria do Jornal Folha de S. Paulo que aborda a inelegibilidade de Sílvio Santos, em 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

. O documentário apresenta uma manchete do Jornal Folha de São Paulo, como meio de demonstrar como a notícia da saída da candidatura de Sílvio Santos foi veiculada em 1989. É um recurso de imersão do espectador à comunicação pública na época sobre o evento que está sendo narrado.

10:43 Sarney

O capítulo examina a figura de José Sarney como presidente em transição, destacando sua impopularidade e o clima de instabilidade política que marcou seu governo. Imagens de jornais e discursos institucionais são combinadas com depoimentos críticos do historiador Boris Fausto, que aponta a desmoralização de Sarney devido ao fracasso de seus planos para superar a crise econômica. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:11:23).



Figura 27 – Imagem de matéria do Jornal Folha de S. Paulo que aborda a inelegibilidade de Sílvia Santos, em 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).



Figura 28 – Imagem de matéria do Jornal Folha de S. Paulo que aborda o impacto da crise econômica para a alimentação dos brasileiros em 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

O entrevistado ex-ministro Mailson da Nóbrega reforça que os candidatos evitavam associações com o governo Sarney, dada sua alta rejeição popular e a percepção de fracasso administrativo (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:10:57).

A ênfase nas manchetes de jornais da época, aliadas ao depoimento de uma figura relevante do governo Sarney, como o ex-ministro da fazenda Mailson da Nóbrega, reforça a narrativa de crise econômica e profunda fragilidade política de José Sarney, e contribui para a representação do panorama de instabilidade que impactou diretamente o processo eleitoral de 1989. Novamente, manchetes de 1989 do Jornal Folha de São Paulo, são apresentadas como forma de legitimar as informações da entrevista de Mailson da Nóbrega sobre a opinião pública crítica ao governo Sarney.

11:38 Violência

Este capítulo destaca, principalmente, os ataques direcionados ao governo Sarney, que foi responsabilizado pela crise econômica e política da época.

O capítulo foca nas críticas dirigidas a Sarney, destacando que os ataques mais agressivos partiram de Fernando Collor. Esse aspecto reflete o peso da retórica de Collor em se posicionar como um “outsider” que se apresentava como uma “novidade” disposta a confrontar as práticas tradicionais da política brasileira.

Ademais, os ataques ao governo Sarney são analisados no contexto da herança econômica e social deixada pelo regime militar. A entrevistada Luiza Erundina destaca o impacto devastador da pobreza, exacerbada pela crise econômica. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:11:43). Enquanto a historiadora Lilia Schwarcz, caracteriza Sarney como uma quebra de expectativas em relação aos anseios democráticos despertados pelas Diretas Já. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:12:09). Essa abordagem reforça a complexidade das críticas a Sarney, evidenciando tanto os desafios quanto a desilusão política do período.

12:53 Horário gratuito

Este trecho analisa a relevância do horário eleitoral gratuito, destacando como ele serviu como uma ferramenta central para a comunicação política nas eleições de 1989. Clipes de campanhas políticas de Collor em diferentes regiões de São Paulo são apresentados, enfatizando como as estratégias visuais e narrativas variavam para dialogar com públicos distintos. O horário eleitoral gratuito é uma vitrine de narrativas políticas, onde a construção imagética e sonora visa maximizar a ideia de força da candidatura política de Collor, ao apresentar imagens em plano geral de multidões nos comícios.

O *Dicionário de Audiovisual explica que a técnica de plano geral* “Enquadra o personagem em um espaço reduzido da tela, mostrando todo o entorno” (2024, p. 09). Se trata de um recurso utilizado para ambientação do personagem dentro do cenário.



Figura 29 – Imagem de comício do candidato Collor de Melo em São Paulo no ano de 1989.
Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).



Figura 30 – Imagem de comício do candidato Collor de Melo em São Paulo no ano de 1989.
Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

13:25 Collor era um outsider

Este capítulo explora como Fernando Collor construiu sua imagem de "caçador de marajás" e político fora do sistema, uma narrativa habilmente articulada por estratégias de marketing que enfatizavam sua juventude, dinamismo e suposta ruptura com as práticas tradicionais. Luiza Erundina o descreve como um "playboy" do Rio de Janeiro, sugerindo que, apesar da origem nordestina, Collor seria um sujeito alheio às questões enfrentadas pelos nordestinos. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:13:32).

Apesar de sua campanha projetar uma figura moderna e distante do establishment, o documentário não problematiza suficientemente as contradições de Collor, como suas conexões com elites tradicionais e como o uso de poder midiático

é utilizado para sustentar essa construção de outsider, que tem na negação da política um instrumento poderoso de afirmação de projetos políticos vinculados ao poder econômico e midiático.



Figura 31 – Imagem de outdoor do candidato Collor de Melo na campanha de 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

14:10 Collor era um fenômeno

O capítulo aborda o apelo popular de Fernando Collor, que utilizou de forma estratégica os meios de comunicação de massa, como rádio e TV, para promover uma campanha direcionada ao que seus marqueteiros identificavam como os “sonhos” do povo brasileiro. Segundo o entrevistado Guilherme Afif, essa abordagem conectava Collor diretamente aos anseios populares. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:14:27).

A historiadora Lilia Schwarcz reforça essa análise ao apontar o “fator branquitude”, afirmando que a imagem de Collor como homem branco, hétero e atraente atendia a um perfil aspiracional no qual muitos eleitores projetavam seus ideais de liderança e sucesso. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:14:41). Essa combinação de apelo midiático e construção simbólica reflete o impacto de narrativas visuais e identitárias na consolidação de candidaturas, evidenciando como a estética pode operar como um recurso político poderoso.



Figura 32 – Imagem de propaganda de televisão do candidato Collor de Melo na campanha de 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

14:54 Collor era um bom político

As habilidades políticas de Fernando Collor para construir alianças estratégicas analisadas. De que forma Collor soube aproveitar suas conexões com setores empresariais e midiáticos para fortalecer sua candidatura, consolidando apoios que foram cruciais para sua vitória. Boris Casoy afirma que ele se tornou o candidato da Globo, destacando como a influência da mídia foi decisiva na legitimação de sua imagem pública. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:15:03).

Essa observação evidencia o papel determinante dos conglomerados midiáticos em eleições democráticas, muitas vezes beneficiando candidatos alinhados aos interesses das elites econômicas e culturais. Edvaldo Correa Sotana, em artigo de título: *Da telinha às páginas impressas: democracia, debate eleitoral televisivo e as eleições presidenciais de 1989*, destaca “Na mídia televisiva, programas jornalísticos, propaganda eleitoral e debates são as formas comumente utilizadas para propagação de mensagens político-eleitorais” (2020, p. 163). Ou seja, os veículos de comunicação não apenas refletem o contexto político, mas o moldam ativamente, influenciando as percepções e preferências do eleitorado.

Essa dinâmica levanta questões críticas sobre a equidade no processo eleitoral, evidenciando como a centralização do poder informativo pode limitar a pluralidade de perspectivas e favorecer interesses hegemônicos. Ao privilegiar determinados candidatos, as grandes redes de comunicação não apenas restringem o acesso do eleitor a alternativas políticas, mas também comprometem a integridade democrática ao moldar narrativas de forma desequilibrada.

15:11 Lula era um bom político

No capítulo, a historiadora Lilia Schwarcz destaca que, até então, mesmo Lula sendo uma figura de alcance regional, fortemente vinculada ao sindicalismo do ABC paulista, sua candidatura conseguiu se consolidar em nível nacional. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:15:22). O capítulo também ressalta o impacto do clipe da música "Lula Lá", gravada para a eleição de 1989 com a participação de diversos artistas e intelectuais. Essa peça consolidou a imagem de Lula como representante legítimo das camadas populares, contribuindo para a construção de sua figura como um líder nacional.



Figura 33 – Imagem da gravação do jingle Lula lá utilizado na campanha de 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).



Figura 34 – Imagem da cantora Gal Costa durante a gravação do jingle Lula lá, utilizado na campanha de 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).



Figura 35 – Imagem do cantor Chico Buarque durante a gravação do jingle Lula lá, utilizado na campanha de 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

16:08 O império da Fox

O jornalista Boris Casoy observa que uma candidatura competitiva com caráter contra hegemônico gerava temor na elite econômica. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:16:13). Essa fala evidencia o conflito estrutural entre o desejo de democratização do espaço político e os mecanismos de controle exercidos pela mídia hegemônica, que atuavam como barreiras à consolidação de projetos políticos alternativos. O comentário de Casoy revela como setores privilegiados da sociedade resistiam a mudanças que pudessem ameaçar a manutenção de suas posições de poder, destacando a relação intrínseca entre hegemonia midiática e política no Brasil.

16:49 Lula

Expõe a fala da Mirian Cordeiro, mãe de Lurian, filha de Lula, que foi utilizada por Collor como uma estratégia de ataque pessoal para deslegitimar seu adversário político. O documentário apresenta a resposta de Lula por meio de uma propaganda eleitoral com sua filha, em que ele contrapunha os ataques ao reafirmar que ela era fruto de um gesto de amor, apelando para um tom emocional que buscava reconectar sua imagem com o eleitorado.



Figura 36 – Imagem do depoimento de Mirian Cordeiro utilizado na pela campanha de Collor em 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).



Figura 37 – Imagem da resposta do então candidato Lula com sua filha Lurian, na Campanha de 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

Essa narrativa ressalta o uso de estratégias pessoais em campanhas políticas, evidenciando tanto a violência discursiva dos ataques quanto a força do discurso emocional como resposta. Essa abordagem não apenas desvia o foco dos debates sobre propostas e políticas públicas, mas também reforça a espetacularização da política, tornando as campanhas um palco de emoções e conflitos pessoais. Esse tipo de estratégia, apresenta como as campanhas eleitorais transformam questões privadas em armas públicas, alterando o foco do debate político para o campo pessoal comprometendo a seriedade do processo democrático.

18:24 Encerramento

Reflete sobre o impacto histórico da eleição de 1989, com entrevistas finais que destacam sua relevância no contexto político atual. Lilian Schwarcz afirma que a democracia nunca é um projeto perfeito, enfatizando que, embora os partidos políticos tenham se consolidado desde 1989, em 2018, um partido pequeno e pouco estruturado foi utilizado para viabilizar a candidatura de Jair Bolsonaro. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:18:31).

Essa comparação ressalta as continuidades e rupturas no sistema político brasileiro, destacando como a fragilidade estrutural dos partidos pode permitir estratégias que desviam do padrão esperado, levantando reflexões sobre a evolução da representatividade democrática ao longo das décadas.

A entrevistada Luiza Erundina considera que nas eleições mais recentes, as demandas das lutas feministas, dos negros e da comunidade LGBT continuam lutando por espaço, evidenciando avanços e desafios na ampliação da inclusão e da diversidade no cenário político nacional. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:19:11).

O capítulo encerra o documentário com a música "Águas de Março", de Antônio Carlos Jobim, que traz uma metáfora de renovação e ciclo. Luiza Erundina considera que, nas eleições mais recentes, as demandas das lutas feministas, dos negros e da comunidade LGBT continuam lutando por espaço, evidenciando avanços e desafios na ampliação da inclusão e da diversidade no cenário político nacional. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:19:40).

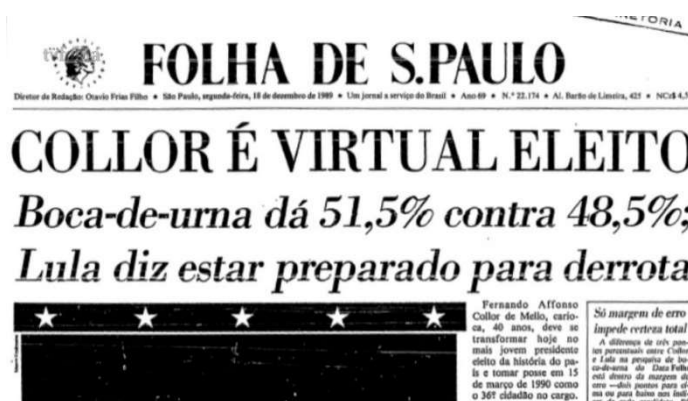


Figura 38 – Imagem da matéria do Jornal Folha de S. Paulo anunciando a vitória de Collor de Melo em 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).



Figura 39 – Foto da atriz Cláudia Raia apoiando Collor nas eleições de 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).



Figura 40 – Foto de grupo em campanha nas eleições de 1989. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).

Análise de Aspectos Externos do Documentário da Folha de S. Paulo

A eleição de 1989 marcou um momento crucial no processo de redemocratização do Brasil após duas décadas de regime militar. No entanto, o lançamento do documentário da *Folha de S. Paulo*, "Finalmente Diretas", em 2019, ocorre em um período igualmente crítico, durante o governo de Jair Bolsonaro, caracterizado por uma intensa instabilidade política e polarização ideológica. Esse contexto contemporâneo molda significativamente as condições externas da produção e da recepção do documentário, que se propõe a traçar paralelos entre os cenários de 1989 e 2019.

A presença de Lilian Schwarcz no documentário, ao refletir que "a democracia nunca é um projeto perfeito" (FOLHA DE S. PAULO, 2019, 00:18:31), ecoa as tensões históricas e atuais da democracia brasileira. As comparações feitas pela historiadora entre a ascensão de Fernando Collor, em 1989, e de Jair Bolsonaro, em 2018, a partir de partidos políticos inexpressivos, destacam as similaridades nos padrões de liderança populista em momentos de crise política. O documentário, ao mesmo tempo que revisita as narrativas eleitorais de 1989, busca intervir no debate público contemporâneo, refletindo os desafios enfrentados pela democracia em tempos de polarização extrema.

A produção também aborda o papel central da mídia na construção das narrativas eleitorais, especialmente no contexto de 1989, onde conglomerados midiáticos, como a TV Globo, desempenharam um papel decisivo na legitimação de modelos econômicos e políticos hegemônicos. Essa dinâmica é explorada no documentário para ressaltar a influência da mídia na formação da opinião pública e na construção das imagens de líderes como Collor e Lula. Contudo, a análise apresentada carece de uma crítica mais aprofundada sobre as implicações democráticas da concentração midiática, um tema particularmente relevante no contexto da Nova República e, mais ainda, no cenário contemporâneo, onde os grandes veículos enfrentam a concorrência das redes sociais como espaço de disputa narrativa.

O documentário reflete, portanto, um esforço para reinterpretar o passado enquanto dialoga com as ansiedades do presente. Todavia, sua abordagem sobre a concentração de poder midiático e seus impactos sobre a democracia limita-se a reforçar narrativas já conhecidas, sem explorar com profundidade a complexidade das relações entre mídia, poder e sociedade no Brasil de hoje. Assim, as condições externas de sua produção e lançamento reforçam a necessidade de um debate mais crítico e abrangente sobre o papel da mídia nos processos democráticos e na manutenção ou ruptura das hegemonias políticas.

3.8 Análise Crítica do Documentário: "22 Candidatos, Baixarias e Polarização: A Eleição de 1989"

O documentário produzido pelo Jornal O Globo foi lançado em seu canal no YouTube, no dia 16 de novembro de 2019. O documentário "22 Candidatos, Baixarias e Polarização: A eleição de 1989" também não teve direção anunciada nos créditos.

Diferentemente do documentário produzido pela Folha de S. Paulo, este não foi dividido em capítulos na sua postagem, o que exigiu uma organização que dividisse o documentário por temas para permitir a análise dos aspectos internos do filme. O tempo de divisão é explicado na descrição de cada temática.

A produção aborda a eleição presidencial de 1989 como um evento marcado por polarização, ataques pessoais e forte influência midiática. Apesar de apresentar um retrato válido dos aspectos conturbados daquela disputa, sua narrativa parece priorizar uma interpretação que simplifica a complexidade do evento, destacando-o como um evento de ataques entre os candidatos.

1. Introdução

O documentário inicia com cenas de debates acalorados e pronunciamentos políticos de 1989, situando o espectador na atmosfera de tensão da disputa eleitoral. Entre o início 0:00 e o minuto 1:58, imagens de enfrentamentos verbais entre candidatos e o discurso do presidente Sarney sobre o "orgulho de proclamar que o Brasil, em 1989 se tornara a terceira maior democracia do mundo" criam um contraste entre a celebração democrática e as disputas que marcaram o processo eleitoral. (GLOBO, 2019, 00:01:15).

A edição rápida dessas cenas utiliza transições que simulam o efeito de uma televisão sem sinal, intercaladas com cortes bruscos para pronunciamentos dos candidatos sobre a violência do processo eleitoral. Essa sequência intensifica a sensação de caos e polarização, contribuindo para criar uma percepção de desordem e confronto entre os candidatos. A escolha das imagens reforça uma visão polarizada da disputa, moldando uma interpretação inicial que destaca o radicalismo do período eleitoral.



Figura 41 – Imagem de propaganda de Collor de Melo em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 42 – Imagem de propaganda de Lula em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 43 – Imagem de pronunciamento oficial do Presidente José Sarney no dia anterior à eleição de 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 44 – Imagem de capa do Documentário: 30 anos das Diretas. Primeira eleição com voto popular após redemocratização teve 22 candidatos e foi marcada por discursos agressivos, calúnias e polarização política. Fonte: (O GLOBO, 2019).

2. Contexto da Eleição e posicionamentos de candidatos

A partir do minuto 2:04, entrevistas com jornalistas e analistas destacam a relevância do momento histórico. O entrevistado Fernando Gabeira, que foi candidato no processo eleitoral de 1989, apresenta uma perspectiva otimista sobre o processo eleitoral, dizendo: “O traço mais essencial no meu entender, é que a eleição de 1989 representa até certo ponto uma celebração. Uma celebração de uma vitória do movimento pelas Diretas Já” (GLOBO, 2019, 00:01:15). O entrevistado Lula Vieira, marqueteiro da campanha de Gabeira em 1989, descreve a eleição como “romântica e esperançosa” (GLOBO, 2019, 00:02:33).

Por outro lado, Merval Pereira, colunista do Grupo Globo, cria um contraste com estas visões ao enfatizar a natureza violenta do processo eleitoral de 1989, dizendo: “Foi muito violento” (GLOBO, 2019, 00:03:11).

A edição desses trechos intercalados entre as entrevistas e os pronunciamentos dos candidatos à presidência em 1989, reflete uma tentativa de equilibrar perspectivas. Mas o destaque maior dado à violência verbal e aos enfrentamentos minimiza as complexidades do contexto histórico. Embora a violência retórica seja um elemento importante, seu foco exagerado pode obscurecer aspectos centrais, como as transformações democráticas e a construção de novos projetos políticos. Isso evidencia uma escolha narrativa que enfatiza o sensacionalismo em detrimento de um retrato mais abrangente do momento histórico.



Figura 45 – Imagem da entrevista da jornalista Ascânio Selême. Fonte: (O GLOBO, 2019)



Figura 46 – Imagem da entrevista do candidato à presidência em 1989, Fernando Gabeira. Fonte: (FOLHA DE S. PAULO, 2019).



Figura 47 – Imagem da entrevista de Lula Vieira, marqueteiro de Gabeira em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 48 – Imagem da entrevista da jornalista Merval Pereira. Fonte: (O GLOBO, 2019)



Figura 49 – Imagem de propaganda de Guilherme Afif em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 50 – Imagem de propaganda de Brizola em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 51 – Imagem da propaganda de Collor de Melo em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).

3. Ansiedade pelo Processo Eleitoral e os Candidatos

A partir do minuto 5:18 os depoimentos destacam a expectativa em torno da eleição. O entrevistado Merval Pereira, considera que havia uma ansiedade muito grande por participar, por votar. A campanha das Diretas Já, foi um exemplo disso. Multidões foram as ruas a favor da eleição direta num movimento suprapartidário, no palanque tinham todos os candidatos (GLOBO, 2019, 00:05:17).

Em seguida, trechos de campanhas de candidatos com votações menos expressivas são apresentadas. O entrevistado Fernando Gabeira atribui a grande quantidade de candidaturas ao fato de que, naquele momento, ninguém conhecia muito bem a tendência do eleitorado. Segundo Gabeira: “Ninguém tinha a dimensão da própria força. Todos estavam querendo buscar um lugar ao sol, não só para as suas candidaturas, mas para as suas ideias políticas” (GLOBO, 2019, 00:05:50).

O jornalista Merval Pereira menciona nomes de políticos de relevância na época, como Aureliano Chaves e Mário Covas. (GLOBO, 2019, 00:07:05). Enquanto Ascânio Selême discute a figura de Ulysses Guimarães, o descrevendo como o “Senhor Diretas”. (GLOBO, 2019, 00:07:30).

O documentário destaca esses nomes por se tratarem de políticos amplamente conhecidos na época, mas que apresentaram um desempenho eleitoral modesto ao disputarem a presidência da República em 1989. Ao abordar os candidatos com menor votação, são exibidas cenas breves de suas propagandas eleitorais, reforçando a diversidade de propostas e estilos presentes naquela disputa. Essa variedade de candidaturas reflete o espírito renovador do momento democrático, evidenciando as aspirações de mudança e pluralidade política que marcaram aquele período.

A quantidade significativa de candidatos, como destacado por Fernando Gabeira, representa uma tentativa de explorar tendências eleitorais e legitimar ideias em um momento de redemocratização (GLOBO, 2019). No entanto, a cobertura limitada dos projetos desses candidatos secundários reduz sua complexidade política. Essa abordagem compromete uma visão mais plural e aprofundada da época, sugerindo uma prioridade narrativa em detrimento da representatividade democrática.



Figura 52 – Imagem de propaganda de Fernando Gabeira em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 53 – Imagem de propaganda de Pedreira em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 54 – Imagem de discussão entre os candidatos Brizola e Caiado durante o debate da Band em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 55 – Imagem de propaganda de Mário Covas em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 56 – Imagem da propaganda de Marronzinho em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).



Figura 57 – Imagem de propaganda de Enéias em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).

4. Construção das Identidades de Campanha

A partir do minuto 7:51, Lula Vieira, marqueteiro da campanha de Gabeira em 1989, descreve Collor como um "ideal de novidade", enquanto Lula é apresentado como o "operário que veio de baixo". O documentário apresenta a construção dessas identidades, ao enfatizar a existência, no processo eleitoral, de uma estética de Collor como um jovem, atlético e inovador e, de Lula como um representante das massas trabalhadoras que ascendeu contra as adversidades. (GLOBO, 2019, 00:07:50).

A escolha de enfatizar essas identidades reflete uma intencionalidade do documentário em representar os candidatos em arquétipos fáceis de compreender. Essa abordagem, está alinhada com a forma como os próprios candidatos se apresentaram durante a eleição de 1989, utilizando estratégias que destacavam traços marcantes de suas personalidades ou propostas para atrair o eleitorado.

5. Postura de Collor em Relação a Lula

A partir do minuto 9:25, depoimentos como os de Gabeira e Merval Pereira destacam a abordagem agressiva adotada por Collor contra o candidato Lula durante o segundo turno da eleição presidencial de 1989. Essa estratégia incluiu o uso da história de Lurian, filha de Lula, como ferramenta de ataque político.

Collor exibiu um vídeo com declarações de Mirian Cordeiro, mãe de Lurian, em uma tentativa de comprometer a imagem pública de Lula. Essa tática evidenciou o tom pessoal e polarizador que marcou a reta final da campanha, reforçando as tensões em um cenário político já profundamente dividido.

Em resposta, a campanha do PT adotou uma postura de defesa emocional. Segundo Paulo de Tarso (GLOBO, 2019), marqueteiro de Lula em 1989, a decisão de conduzir essa resposta partiu diretamente do candidato Lula. Essa escolha ilustra não apenas uma estratégia defensiva, mas também um reposicionamento que buscava transformar vulnerabilidades em meios de conexão com o eleitorado. Ao enfatizar a autenticidade e a resiliência de Lula, a campanha contrastou diretamente com a abordagem calculada e agressiva de Collor, criando um contraponto que reforçava a empatia como um diferencial político.



Figura 58 – Imagem da entrevista de Paulo de Tarso, marqueteiro de Lula em 1989. Fonte:(O GLOBO, 2019)



Figura 59 – Imagem do depoimento de Mirian Cordeiro utilizado na pela campanha de Collor em 1989. Fonte: (O GLOBO, 2019).

6. Comparação entre 1989 e 2018

A partir do minuto 11:47, Selême e Merval Pereira traçam paralelos entre as eleições de 1989 e 2018, destacando pontos críticos. Ascânio Selême enfatiza que nós não aprendemos nada (GLOBO, 2019), apontando que a violência retórica da eleição de 2018 se assemelha à narrativa do documentário sobre 1989, com ataques pessoais e polarização.

Por sua vez, Merval Pereira contrasta os dois pleitos, argumentando que a eleição de 1989 apresentava diferenças claras entre projetos políticos de direita e esquerda, enquanto em 2018 essa distinção não era tão evidente. (GLOBO, 2019). A análise comparativa levanta questões importantes sobre a evolução do processo

eleitoral no Brasil. Essa reflexão sugere que, apesar de três décadas de avanço democrático, as eleições continuam marcadas por desafios na construção de um debate político mais substancial.

3.9 Análise das Condições de Lançamento do Documentário do Jornal O Globo sobre a Eleição de 1989 Aspectos Externos

O documentário "*22 Candidatos, Baixarias e Polarização*", produzido pelo Jornal *O Globo* em comemoração aos 30 anos da eleição presidencial de 1989, insere-se em um contexto político marcado por intensa instabilidade política no Brasil contemporâneo. Lançado durante o primeiro ano do governo Bolsonaro, período caracterizado por ataques sistemáticos aos órgãos de mídia tradicional e à credibilidade jornalística, o documentário cumpre o papel de reafirmar a autoridade do veículo como narrador legítimo da história política brasileira. Essa produção, voltada para plataformas digitais e com um alcance significativo, reflete a tentativa do jornal de reafirmar a sua relevância em um ambiente onde a informação e as narrativas políticas são constantemente disputadas.

As condições externas ao lançamento do documentário não podem ser ignoradas. A profunda polarização do período bolsonarista, associada ao discurso de deslegitimação da imprensa e das instituições democráticas, oferece um pano de fundo que não apenas influencia a produção, mas também molda a recepção do público. Ao revisitar a eleição de 1989, marcada por tensões ideológicas, *O Globo* não apenas reconta um evento histórico, mas também realiza uma intervenção discursiva no presente, utilizando o passado como ferramenta para legitimar narrativas sobre os desafios da democracia.

Contudo, a produção do documentário carece de uma autocrítica mais aprofundada em relação ao papel do próprio jornal no processo político de 1989 e no cenário atual. Ao privilegiar perspectivas alinhadas ao discurso dominante, a narrativa se limita a reafirmar sua centralidade como mediador histórico, sem retratar as contradições de sua atuação midiática no fortalecimento de disputas ideológicas e na manutenção do poder dominante. Em um momento de fragilidade democrática, o documentário poderia levantar questões sobre a responsabilidade da mídia na construção de narrativas históricas e políticas, porém não o fez, deixando assim de aprofundar a reflexão sobre sua própria influência nesses processos.

3.7 - O Documentário como construtor de memórias

A produção de documentários comemorativos sobre a eleição de 1989 pode ser entendida como uma tentativa de construir ou reforçar memórias sobre esse evento crucial na história da redemocratização brasileira. No livro *História e Documentário*, Rosane Kaminski reflete: “A própria palavra ‘documentário’ possui a mesma raiz de ‘documento’, e uma espécie de aura de ‘verdade’ circunda essa pretensão [...]” (Morettin; Napolitano; Almeida, 2012, p. 188). Essa aura de autenticidade confere aos documentários uma posição privilegiada na formação da memória histórica.

Esses documentários não apenas revisitam os eventos passados, mas também moldam a percepção contemporânea e futura sobre a importância dessa eleição. A eleição de 1989 marcou a retomada do processo democrático no Brasil após mais de duas décadas de regime militar. No entanto, é importante destacar que as representações fílmicas desse evento não são neutras; elas carregam consigo as intenções e perspectivas das entidades que as produzem. Um aspecto significativo é que ambos os jornais que produziram os documentários — *O Globo* e *Folha de S. Paulo* — não mencionam, em suas narrativas, o apoio explícito que deram ao golpe militar de 1964, um evento que interrompeu a democracia brasileira por 21 anos. Esse silêncio seletivo evidencia uma estratégia de construção de memória que busca enfatizar suas contribuições positivas no processo de redemocratização, omitindo aspectos comprometedores de sua atuação histórica.

A análise dos títulos dos documentários comemorativos dos 30 anos do processo eleitoral de 1989 revela diferentes intenções e representações sobre o mesmo evento histórico. Enquanto *O Globo* adota uma postura condenatória, destacando aspectos negativos e apelativos do processo eleitoral, a *Folha de S. Paulo* opta por uma abordagem mais positiva, enfatizando a importância histórica e a emulação cívica em torno da primeira eleição presidencial direta após a ditadura militar. Apesar dessas diferenças, nenhuma das narrativas menciona diretamente o apoio dessas empresas ao regime militar, demonstrando como a memória é seletivamente construída.

Essas escolhas editoriais refletem as intencionalidades e os discursos de memória que cada jornal busca disseminar. Demonstrem, ainda, como as representações cinematográficas e documentais são fundamentais para a compreensão da história e da sociedade. A eleição de 1989, portanto, não é apenas

um evento histórico a ser recordado, mas um ponto de inflexão na trajetória democrática do Brasil. As representações cinematográficas desse evento ajudam a moldar a memória coletiva brasileira, destacando tanto os avanços democráticos quanto as lacunas narrativas que revelam tensões ainda presentes na sociedade.

4.0 Considerações Finais

Este trabalho analisou as representações da eleição presidencial de 1989 no Brasil a partir dos documentários *22 Candidatos*, *Baixarias e Polarização*, produzido pelo jornal *O Globo*, e *Finalmente Diretas + 30*, da *Folha de S. Paulo*. O objetivo foi compreender como essas produções midiáticas moldam a memória coletiva e influenciam a percepção histórica desse evento político, considerado um marco na redemocratização do país.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que os documentários apresentam narrativas contrastantes sobre a eleição. Enquanto *Finalmente Diretas + 30* enfatiza a eleição como um avanço democrático significativo, ressaltando seu papel na consolidação da democracia brasileira, *22 Candidatos*, *Baixarias e Polarização* adota um viés crítico e moralista, sublinhando aspectos negativos, como a polarização política e as estratégias eleitorais controversas. Essa análise demonstrou que a mídia, além de registrar os eventos históricos, desempenha um papel ativo na construção de narrativas e na formação de memórias coletivas, muitas vezes influenciada por interesses editoriais e contextos políticos.

A pesquisa também permitiu observar como os elementos audiovisuais, como planos, enquadramentos e narrações, foram utilizados para reforçar as intenções editoriais das produções. Esses elementos não apenas complementaram o conteúdo dos documentários, mas também contribuíram para moldar as interpretações históricas da eleição, destacando os interesses ideológicos e políticos subjacentes. Assim, ficou evidente o papel da mídia como um agente político que influencia as percepções públicas e molda o imaginário coletivo.

Este estudo contribuiu para o campo da história e do audiovisual ao propor uma reflexão crítica sobre as interseções entre mídia, política e memória histórica. Contudo, reconhece-se que algumas limitações metodológicas restringiram a abrangência da análise. O recorte se concentrou em dois documentários jornalísticos, o que deixou de lado outras formas de representação midiática do mesmo evento, como programas televisivos, jornais impressos ou novas produções audiovisuais. Além disso, não foi possível avaliar o impacto direto dessas narrativas na percepção pública à época, o que abre espaço para estudos futuros.

Como perspectiva de continuidade, sugere-se ampliar a análise para outros meios de comunicação e produções audiovisuais que abordaram a eleição de 1989.

Estudos comparativos com representações de eleições posteriores também podem trazer contribuições sobre a evolução do papel da mídia nas narrativas políticas. Outra possibilidade seria investigar a recepção dessas narrativas pelo público e sua influência na formação de memórias políticas em diferentes contextos históricos.

Em suma, este trabalho reafirma a relevância das representações midiáticas na construção de narrativas históricas e na consolidação de memórias coletivas. A eleição presidencial de 1989, mais do que um evento político, continua sendo um objeto de disputa simbólica cujas interpretações permanecem vivas e ressoam no cenário político e social do Brasil contemporâneo.

5.0 – Referências Bibliográficas

AARÃO REIS FILHO, Daniel. A ditadura civil-militar. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 mar. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaao/ditadura-civil-militar-3016187>. Acesso em: 07 jul. 2025.

AGUIAR, Rodrigo de. *1989: a maior eleição da história*. Porto Alegre: Lorigraf, 2014.

AOUMONT, Marie; MAURY, Michel; CARLOTTI, Aline. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. [S.l.]: [s.n.], 2011.

AZEVEDO, Fernando Antonio. PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989–2014). *Opinião Pública*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 270–290, 2018.

BAND. *Debate entre candidatos à presidência no Jornal Canal Livre – Eleições de 1989*. YouTube, 14 nov. 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MDiGbBDpQhg>. Acesso em: 18 jul. 2025.

BAND – Rede Bandeirantes. Band fez seu primeiro debate presencial em 1989. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/eleicoes/noticias/band-fez-seu-primeiro-debate-presencial-em-1989-16530929>. Acesso em: 23 dez. 2024.

BATISTA, Paulo Nogueira. *O Consenso de Washington: uma visão neoliberal dos problemas latino-americanos*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

ELISÁRIO, Rafaela Mano. Ditaduras do Cone Sul: a experiência brasileira de resistência a partir do Araguaia. *Revista Científica*, 2019, p. 88.

FINALMENTE, diretas – 30 anos da eleição de 1989. YouTube, 15 nov. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GgubLHJQVrc>. Acesso em: 18 jul. 2025.

FOUCAULT e a “nova história”. *Plural: Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, Departamento de Sociologia da USP, 2003, p. 197.

FOLHA DE S.PAULO. *1989 – O Brasil sai das sombras*. YouTube, 15 nov. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OUIXDgshK0U>. Acesso em: 18 jul. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. Princípios editoriais. São Paulo. Disponível em: <https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/principios-editoriais.shtml>. Acesso em: 23 dez. 2024.

GENNARI, Adilson Marques. Globalização, neoliberalismo e abertura econômica no Brasil nos anos 90. *Pesquisa & Debate*, São Paulo, v. 1, n. 21, p. 30–45, 2001.

GRUPO GLOBO. Princípios editoriais do Grupo Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#principios-editoriais>. Acesso em: 23 dez. 2024.

GUILHERME, Cássio Augusto. A eleição de 1989: direita x esquerda. *Revista Urutágua*, Maringá, n. 34, p. 87–90, jun.–nov. 2016. ISSN 1519-6178.

MEMÓRIA GLOBO. Eleições presidenciais de 1989. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-1989/noticia/eleicoes-presidenciais-1989.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2024.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIN, Cássio dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. *Lumina – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação*, Juiz de Fora, UFJF, v. 2, p. 1–12, dez. 2014.

NOMURA, Kaito; MACHADO, G. P. (Org.). *Dicionário de audiovisual para iniciantes e intermediários*. São Paulo: Selo Editorial, 2020.

O GLOBO. Eleição de 1989: 30 anos do pleito mais esperado dos brasileiros. *O Globo*, 10 nov. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicao-de-1989-30-anos-do-pleito-mais-esperado-dos-brasileiros-24082660>. Acesso em: 18 jul. 2025.

PINTO, Eduardo Costa. Nova República (1985–1989): transição democrática, crise da dívida externa, inflação, luta pela apropriação da renda e fim do desenvolvimentismo. *Abril*, 2019.

RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). *História e documentário*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

RÉGO, Edgar de Sousa. Poder, comunicação e imagens: marketing eleitoral e memória mediática da campanha presidencial de 1989. Florianópolis: UDESC, 2012. (Dissertação de Mestrado)

SAMOGIN, Cássio Augusto Guilherme. *1989: história da primeira eleição presidencial pós-ditadura*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

SCOLÈSE, E. Minidocumentário marca os 30 anos da eleição presidencial de 1989; assista. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 15 nov. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/minidocumentario-marca-os-30-anos-da-eleicao-de-89.shtml>. Acesso em: 23 dez. 2024.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Resultados das eleições de 1989. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1989>. Acesso em: 02 jan. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Silvio Santos e as eleições presidenciais de 1989. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/jurisprudencia/julgados-historicos/silvio-santos>. Acesso em: 06 jan. 2025.